

Carine Fraga da Silva

**DAS GHETTO: O GUETO COMO ESPAÇO DE VIVÊNCIA E  
MEMÓRIA EM A LISTA DE SCHINDLER: UM HERÓI DO  
HOLOCAUSTO**

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós-Graduação em Literatura da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do Grau de  
Mestre em Literatura  
Orientador: Prof. Dr. Marcos José  
Müller

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Carine Fraga da  
Das Ghetto : o gueto como espaço de vivência e  
memória em A lista de Schindler: um herói do  
Holocausto / Carine Fraga da Silva ; orientador,  
Marcos José Müller, 2018.  
122 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,  
Programa de Pós-Graduação em Literatura,  
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Espaço. 3. Gueto. 4.  
Representação. 5. Memória. I. Müller, Marcos José. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de  
Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

“Das Ghetto: o gueto como espaço de vivência e memória  
em A lista de Schindler: um herói do Holocausto”

Carine Fraga da Silva

Esta DISSERTAÇÃO foi julgada adequada para obtenção do título

**Mestre EM LITERATURA**

Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua forma final pelo  
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de  
Santa Catarina.

---

Prof. Dr. Marcos José Müller  
ORIENTADOR (A)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia de Barros Camargo  
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Marcos José Müller  
PRESIDENTE

---

Prof. Dr. Markus Johannes Weininger  
(UFSC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Leite Holthausen da Silva  
(UNIFACVEST)

---

Prof. Dr. Wladimir Antônio da Costa Garcia – Suplente  
(UFSC)



## RESUMO

A dissertação é um estudo da representação do espaço no livro *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (1995), de Thomas Keneally. A obra de Keneally é baseada na história do empresário alemão Oskar Schindler. Com seu dinheiro e influência, ele assegurara empregos a muitos judeus em sua fábrica. No trabalho, o aspecto de estudo é o local onde esses funcionários viviam, que era o gueto. O objetivo da dissertação é analisar o olhar do gueto no livro de Keneally como espaço de vivência e memória. Para cumprir os objetivos, a pesquisa consistirá na análise da representação espacial desse local. Nesse processo, são apresentadas referências bibliográficas que demonstram as características espaciais dentro da literatura.

**Palavras-chave:** Espaço. Gueto. Representação. Memória.



## ZUSAMMENFASSUNG

Die Dissertation ist ein Studium der Repräsentation des Raums im Buch Schindlers Liste (1995) von Thomas Keneally. Das Werk von Keneally ist basiert auf der Geschichte des deutschen Unternehmers Oskar Schindler. Mit seinem Geld und Einfluss hat er Anstellungen für viele Juden in seiner Fabrik gesichert. In der Arbeit ist der Studienaspekt der Ort, wo diese Mitarbeiter lebten, also das Ghetto. Das Ziel der Dissertation ist der Blick des Ghettos im Buch von Keneally als Raum des Erlebnisses und Erinnerung zu analysieren. Um die Ziele zu erreichen, wird die Arbeit in der Analyse der räumlichen Repräsentation dieses Ortes bestehen. In diesem Prozess werden bibliographische Referenzen präsentiert, die die räumliche Eigenschaften in der Literatur nachweisen.

**Schlüsselwörter:** Raum. Ghetto. Repräsentation. Erinnerung.





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Adolf Hitler após assumir o poder.....	31
Figura 2 - Em comemoração à anexação da Áustria, oficiais nazistas forçam judeus a limpar uma rua em Viena com escovas de dente.....	33
Figura 3 - Comício em Berlim. Data: 15 de agosto de 1935. Cidadãos alemães ouvem discursos antissemitas para tomarem conhecimento de uma futura Alemanha “livre de judeus”. Nas duas faixas, lê-se: “Os judeus são nossa desgraça” e “Mulheres e meninas: os judeus são sua ruína”.....	36
Figura 4 - Multidão reunida na <i>Opernplatz</i> (Praça da Ópera) para participar da queima dos livros considerados “não alemães” pelos nazistas. Berlim, Alemanha. Dia 10 de maio de 1933.....	37
Figura 5 - Após o decreto das leis de Nüremberg, um casal, ela alemã e ele judeu, é ridicularizado pelos oficiais nazistas, mediante placas com dizeres ofensivos. Na placa da mulher, lê-se: “Eu estou com o maior dos porcos, e apenas me entrego a judeus”. Na do homem, pode-se ler: “Como um garoto judeu, eu sempre levo apenas garotas alemãs para o quarto” (tradução minha).....	38
Figura 6 - Incêndio da sinagoga de Börneplatz, localizada em Frankfurt, durante a Noite de <i>Pogroms</i> .....	41
Figura 7 - Campo de concentração de Theresienstadt.....	44
Figura 8 - Prisioneiros no campo de concentração de Auschwitz.....	46
Figura 9 - Criança e homem realizando trabalho escravo em uma	

fábrica nazista estabelecida no gueto de Lodz.....	50
Figura 10 - Deportação das crianças de origem judaica do gueto de Lodz durante a ação <i>Ausgehsperr</i> (toque de recolher). Setembro de 1942.....	50
Figura 11 - Gueto de Cracóvia separado do resto da cidade por uma cerca de arame farpado.....	54
Figura 12 - Área comercial na rua Nalewki, situada no bairro judeu de Varsóvia.....	54
Figura 13 - Conselheiros do <i>Judenrat</i> de Cracóvia.....	61
Figura 14 - Adam Czerniakow.....	63
Figura 15 - Postêr antissemita divulgado na Polônia em março de 1941. A legenda diz: “Os judeus são como piolhos; eles causam tifo”. Este pôster, publicado na Alemanha, tinha por objetivo levar os poloneses cristãos a terem medo e nojo dos judeus.....	72
Figura 16 - Emilie e Oskar Schindler.....	77
Figura 17 - Pfefferberg atuando como policial na <i>OD</i> .....	78
Figura 18 - Alianças de casamento confiscadas de prisioneiros em Auschwitz.....	91
Figura 19 - Dentes de ouro retirados e recolhidos de prisioneiros em Auschwitz.....	91

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 O VÍNCULO ENTRE A NARRATIVA DE A LISTA DE SCHINDLER: UM HERÓI DO HOLOCAUSTO E AS REFERÊNCIAS TEÓRICAS.....</b>	<b>19</b>
<b>3 A ASCENÇÃO DE ADOLF HITLER AO PODER: O INÍCIO DO FIM.....</b>	<b>31</b>
3.1 HITLER: IDEOLOGIA RACISTA E DELÍRIO EXPANSIONISTA.....	31
3.2 AGRESSÕES E BOICOTES: PRENÚNCIOS DE UM GENOCÍDIO.....	35
3.3 A NOITE DE <i>POGROMS</i> : UM ESTILHAÇO DE VIDRO NO DRAMA DO HOLOCAUSTO.....	40
3.4 O HOLOCAUSTO: CODINOME “SOLUÇÃO FINAL”.....	44
3.5 INSTALAÇÃO DOS GUETOS: AS “MORADIAS” DE ISOLAMENTO.....	47
<b>4 “BEM-VINDO” AO GUETO DE CRACÓVIA: PODE ENTRAR. MAS NÃO PODE SAIR.....</b>	<b>53</b>
4.1 MUDANÇA OBRIGATÓRIA: PROBLEMA HABITACIONAL E QUEBRA DE PRIVACIDADE.....	53
4.2 CORRUPÇÃO NO <i>JUDENRAT</i> E TRABALHO FORÇADO: UMA TRISTE REALIDADE.....	60
4.3 <i>ORDNUNGSDIENST</i> : POLÍCIA “A SERVIÇO” DA COMUNIDADE JUDIA.....	67
4.4 HIGIENE E ALIMENTAÇÃO PRECÁRIAS.....	71
<b>5 RESIDENTES DO GUETO: UM LUGAR/QUATRO HISTÓRIAS.....</b>	<b>77</b>

5.1 PFEFFERBERG: O CONTRABANDISTA.....	77
5.2 GENIA: A MENININHA DE VERMELHO.....	82
5.3 DANKA E PANI DRESNER: A MENINA DA PAREDE E A MULHER DA ESCADA.....	86
5.4 WULKAN: O JOALHEIRO.....	89
<b>6 VIDA E MORTE DO GUETO COMO ESPAÇO.....</b>	<b>95</b>
6.1 A FÁBRICA DE SCHINDLER.....	95
6.2 A <i>APOTHEKE</i> E A CASA DE PANKIEWICZ.....	98
6.3 O HOSPITAL DE CONVALESCENÇA DA <i>PLAC ZGODY</i> : A ESCOLHA DE DOUTOR H.....	100
6.4 A QUEDA: AS ÚLTIMAS HORAS DO GUETO.....	104
6.5 ... E TUDO TERMINA.....	106
<b>7 CONCLUSÃO.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>119</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação visa contemplar as funções de vivência e memória proporcionadas pelo gueto<sup>1</sup> no livro *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995). Tal espaço possui uma forte representação histórica, pois o gueto fora o lugar para onde os nazistas enviaram um exorbitante número de cidadãos judeus após a deflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Ao se perceberem obrigados a conviverem juntos, os judeus experimentaram uma existência permeada pelas penúrias da superlotação de habitantes, fome e falta de saneamento básico. Na obra de Keneally (1995), essa existência no gueto de Cracóvia torna-se o registro narrativo da memória conjunta dos moradores de um espaço responsável por isolar os judeus do restante da sociedade. Tais cidadãos são personagens alçados à categoria da subjetividade, pois eles são os sujeitos retratados na narrativa.

Para se ter uma compreensão mais aprofundada a respeito de sujeito e espaço, Maurice Merleau-Ponty observa, em *Fenomenologia da percepção* (1999), o lugar que determinado sujeito ocupa no mundo. Na constatação do autor, é revelado que o sujeito, independentemente de suas particularidades ou de suas vontades, não está imune de sofrer as consequências das circunstâncias provocadas pela vivência no mundo onde este se encontra. Segundo Merleau-Ponty (1999, p: 124-125),

[...] enquanto habito um “mundo físico”,  
em que “estímulos” constantes e situações  
típicas se reencontram – e não apenas o

<sup>1</sup>Durante a Segunda Guerra Mundial, os guetos isolavam os judeus, separando-os não só das comunidades envolventes mas também de outros grupos judaicos. Os alemães estabeleceram pelo menos 1.000 guetos na Polônia e na União Soviética e consideravam o estabelecimento dos guetos como uma medida provisória de controle e segregação dos judeus enquanto a liderança nazista em Berlim discutia as opções de como concretizar a remoção daquela população. Em muitos lugares o isolamento dos guetos durara relativamente pouco tempo: alguns existiram por poucos dias, outros alguns meses ou anos. Havia três tipos de guetos: os guetos fechados, os guetos abertos, e os guetos de destruição, conforme se verifica em “Enciclopédia do Holocausto”, em The United States Holocaust Memorial Museum, disponível no seguinte *link*: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005059>>.

mundo histórico em que as situações nunca são comparáveis –, minha vida comporta ritmos que não têm sua razão naquilo que escolhi ser, mas sua condição no meio banal que me circunda. Assim, em torno de nossa existência pessoal aparece uma margem de existência quase impessoal, que é por assim dizer evidente, e a qual eu reporto o zelo de manter-me em vida, em torno do mundo humano que cada um de nós faz, aparece um mundo em geral ao qual é preciso pertencer em primeiro lugar para poder encerrar-se no ambiente particular de um amor ou uma ambição.

Partindo para o campo histórico, o bairro de caráter segregador também existira em tempos mais distantes, como a Idade Média. No livro *Holocausto: o massacre de 6 milhões*, Ben Abraham (1992) cita que “o primeiro Gueto foi fundado em Veneza, no ano de 1577. O nome dado era *Ghetto*, tal como se escreve em alemão. É provável que a palavra seja derivada do hebraico: *guet* – que significa divórcio” (p: 60). O autor ainda corrobora que no século XV, por decreto do Papa Paulo V, as pessoas de origem judaica deveriam morar em perímetros segregados. Por fim, o desígnio do Papa tornara-se uma lei na Itália. Posteriormente, tal lei fora aplicada na Europa Central.

Contudo, durante a Revolução Francesa, os guetos foram extinguidos na Europa. A possibilidade de os nazistas terem se utilizado da ideia do gueto no período medieval para instaurarem um perímetro de isolamento na Segunda Guerra Mundial é deveras válida, uma vez que tanto o local de segregação na Idade Média quanto na época correspondente ao Terceiro Reich, o gueto possuía o mesmo objetivo de manter o povo judeu longe das pessoas não judias. Contudo, o bairro isolado na época do governo de Hitler tinha função dupla: além de confinar e segregar a comunidade judaica do restante da população das cidades, ele servia como um local de passagem em razão de o próximo destino dos internos ser o campo de concentração, o qual exercia uma tarefa exterminadora.

O gueto, o qual é apresentado como o receptáculo das lembranças de seus residentes, terá como tarefa retratar a vivência destes em um

tempo e espaço que lhes enclausurava em um mundo à parte. Sobre a memória, Merleau-Ponty (1999, p: 47-48) menciona que o efeito de memorização sai do relato meramente objetivo do passado e segue para o lado experiencial deste, apontando que a função de

[...] recordar-se não é trazer ao olhar da consciência um quadro do passado subsistente em si, é enveredar no horizonte do passado e pouco a pouco desenvolver suas perspectivas, até que as experiências que ele resume sejam como que vividas novamente em seu lugar temporal.

No exercício de compreender o significado por trás da instalação do espaço referente ao gueto conforme a visão do poder político, faz-se uso da bibliografia de *Microfísica do poder* (2010), de Michel Foucault. Nessa obra, retrata-se a ligação entre política, verdade e poder. Os adjetivos político, verdadeiro e social colocados pelo autor relacionam-se com o local segregado a partir do instante em que o regime nazista instalara o espaço do gueto em Cracóvia com a finalidade de separar judeus e não judeus.

Foucault (2010) também apresenta uma noção de saberes decorrentes de uma perceptível descontinuidade, ou seja, interrupção dos fatos na instância da vivência, para que estes possam ser relatados posteriormente. Essa noção é denominada genealogia, a qual é nada mais que a ativação de

[...] saberes locais descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretendia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. As genealogias não são, portanto, retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata, mas anti-ciências. Não que reinvidiquem o direito lírico à ignorância ou ao não-saber; não que se trate a recusa do saber ou de ativar ou ressaltar os prestígios de uma experiência imediata não ainda captada pelo saber. Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os

métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa (p: 171).

Dentro da esfera de relatos da posterioridade, é utilizada a referência bibliográfica *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (2008), de Hannah Arendt. Nesse livro de Arendt, é reconstituído o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém, Israel. Eichmann, um integrante do Partido Nazista, estava sendo julgado por crimes contra a humanidade durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, o tirano nazista que todos os presentes no julgamento aguardavam, na verdade, mostrava-se apenas um submisso subalterno o qual cumpria, de imediato, as ordens que seus superiores lhe dirigissem. Ainda que esse homem não pensasse nas proporções das atrocidades dos nazistas, ele, ao menos, possuía consciência a respeito delas. Mediante a consciência citada, coloca-se a possibilidade de Eichmann ter sido indiferente aos crimes dos nazistas. Essa indiferença é a justificativa do subtítulo “um relato sobre a banalidade do mal”, pois a banalização dos crimes praticados pelos nazistas tornaram-se absurdamente normais na II Guerra.

Em relação à metodologia, o livro *Fenomenologia da percepção* (1999) também será utilizado neste trabalho com o intuito de auxiliar no esclarecimento de sentimentos de desilusão ocasionados pela forma como os habitantes observavam a vida sob a visão da precariedade dentro do local de segregação. A obra de Merleau-Ponty é importante para a perscrutação das sensações negativas dos personagens no romance de Keneally (1995) no momento onde surgem as percepções dos internos acerca do gueto, as quais são oriundas do fato de eles terem vivenciado um tempo onde imperava o regime nazista, regime este que trancafiava a comunidade judia em uma espécie de prisão sem grades por não desejar que os judeus interagissem com a sociedade. O espaço onde funcionava o gueto de Cracóvia une os aspectos de subjetividade (que vem a ser o sujeito e sua perspectiva sobre o espaço onde vive), memória (as lembranças dos personagens descritas na obra) e história (período nazista).



Neste trabalho, a inserção espacial de personagens no espaço do gueto fora empreendida nos termos de uma configuração artística capaz de sustentar sua própria verdade, a verdade de muitos do poder totalitário. Não foram descritas ou julgadas as partes de uma avaliação exterior dos residentes do gueto; contudo, representaram-se as partes da espacialidade a qual lhes tolhera a liberdade e a vida.

No intuito de fundir a imagem do gueto de Cracóvia com a linha de pesquisa “Subjetividade, Memória e História”, utiliza-se o estudo de Allain Badiou (2002) – *Pequeno manual de inestética*. O uso desse aporte teórico na dissertação está implicado no conceito da verdade e acontecimento dentro de uma obra, o qual é retratado da seguinte forma:

[...] toda verdade origina-se de um acontecimento. [...] O problema com que devemos lidar é que é impossível de dizer da obra que ela é ao mesmo tempo uma verdade e o acontecimento que gera essa verdade. Sustenta-se com muita frequência que a obra de arte deve ser pensada mais como singularidade do acontecimento do que como estrutura. Mas toda fusão entre acontecimento e verdade reconduz a uma visão “crística” da verdade, porque então uma verdade não passa de auto-revelação relativa ao acontecimento dela mesma (BADIOU, 2002, p: 23).



## 2 O VÍNCULO ENTRE A NARRATIVA DE A LISTA DE SCHINDLER: UM HERÓI DO HOLOCAUSTO E AS REFERÊNCIAS TEÓRICAS

A narrativa do livro *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995) e os livros que fazem o papel de aporte teórico nesta pesquisa possuem um vínculo onde o espaço faz-se presente. Enquanto o referido romance de Thomas Keneally representa o espaço do gueto de Cracóvia como um local que, após a deflagração da Segunda Guerra Mundial, isolava e alojava os judeus das pessoas que não possuíam sangue judaico, as referências bibliográficas utilizadas neste estudo visam contemplar o espaço perante a perspectiva dos seguintes âmbitos: histórico, literário, subjetivo e memorial.

Nesta pesquisa, os indícios da literatura, subjetividade, história e memória são encontrados em conjunto. Em todas essas evidências, a categoria espacial está relacionada, o que se comprova a partir do instante onde é mencionado o gueto de Cracóvia na narrativa literária de Keneally (1995) como o espaço onde as pessoas judaicas conviveram.

Relatos, cartas, fotografias, documentos buscam reconstituir um passado atravessado por uma guerra. Na obra de Keneally (1995), claramente percebe-se que os guetos atuavam como locais de força e choques simbólicos; afinal, as variadas misturas sociais, as precárias formas de integração e a exploração econômica configuravam os limites das áreas de povoamento. Nesse sentido, quando se estruturam os discursos, inicia-se pela qualificação de quem são os inimigos, para, em seguida, desqualificá-los de diferentes modos, sobretudo nominalmente.

Uma característica importante do Holocausto é que a morte muitas vezes deixa de ser um evento individual, sendo um ato coletivo e, além disso, por motivo torpe. A história comprova em diversas fontes que a morte de judeus tornara-se um episódio voltado à coletividade. Para estes, não existiriam mais leitos de morte, e sim, valas, caminhões e câmaras de gás. Suas mortes seriam tratadas como eventos banais e públicos.

Embora os trechos extraídos do livro onde a principal figura é Schindler apresentem um recorte dos fatos, é possível discutir acontecimentos cujas particularidades inserem alguns indivíduos em novos contextos. O convívio e contato com o povo perseguido

promovem uma ressignificação acerca da posição de Schindler diante das injustiças que ocorriam.

O princípio nada humano dos nazistas de aglomerar em demasia e isolar indivíduos de uma determinada origem por motivos atribuídos a uma ideia racista de que tais indivíduos eram seres inferiores torna-se o fio condutor para a análise dos instantes em que a coletividade judia encontrara-se forçada a enfrentar problemas decorrentes da vivência em um espaço como o gueto. A aniquilação da espacialidade das populações judaicas capturadas pelos nazistas é correlativa à angústia da subjetividade dos judeus, a qual, todavia, resiste como memória.

Salienta-se que, quando são citados os choques entre os judeus mais abastados e aqueles de camadas julgadas como “inferiores”, não se pretende reforçar desqualificações, mas sim, ilustrar como os judeus mais pobres estavam completamente deslegitimados, destituídos de formas de defesa aos ataques da *Schutzstaffel* (Tropa de Proteção. Tratava-se da polícia nazista. Levava o nome de *Schutzstaffel* por ser a força policial encarregada de proteger Hitler e os demais líderes do Partido Nazista, e era mais conhecida como *SS*).

A historiografia sobre o tema revela as lembranças acerca dos espaços de exclusão, lembranças estas que entram no campo de uma memória apresentada mediante uma narrativa permeada pela desumanização progressiva imposta nos guetos, por resquícios dos traumas, da humilhação, da fome e do luto que derrubam a resistência física e emocional. O descaso dos nazistas para com a população judia denuncia impressões de sofrimento. Certamente, isso torna a vivência dos moradores do gueto ainda mais desoladora, e tais impressões remetem à subjetividade do sofrimento dos judeus, visto que, embora eles estivessem em uma situação idêntica de isolamento, cada um carregava consigo um sentimento particular quanto à convivência em um perímetro fechado. Outro ponto observado na obra de Keneally (1995) é o de os personagens serem obrigados a viver lado a lado, fato que ocasionava a inexistência de intimidade. Rapidamente, o cotidiano sem direito à privacidade propiciara uma sensação de desconforto entre os habitantes do bairro segregado de Cracóvia.

Keneally (1995) privilegia a descrição espacial do bairro isolado. Desse modo, configura-se um espaço no qual se localiza e faz-se localizar topologicamente uma narrativa responsável pelo relato tanto

dos aspectos sociais quanto dos aspectos sensoriais dos internos do gueto. A literatura, de acordo com Antonio Candido, em *Degradação do espaço (Estudo sobre a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em L'assomir)*, pode ser definida como um “[...] sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade” (1972, p: 23-24). Portanto, é através de *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* que se pode tomar contato com um vasto conjunto de experiências pessoais ligadas ao ambiente do gueto.

Nota-se que o gueto emerge como um dos destaques da narrativa de Keneally (1995) não só pelas articulações que estabelece com as categorias de tempo e pessoa mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam. Então, para um estudo aprofundado acerca da categoria do espaço, a postura analítica desta dissertação será de desconstruir para reconstruir, desde as representações mais simples e abstratas até as mais concretas e complexas. E sempre, vale ressaltar, relacionando e cotejando com as demais categorias da narrativa. Acerca dos determinados aspectos da narrativa, em *Lima Barreto e o espaço romanesco*, corrobora tal postura Osman Lins (1976, p: 63-64), ao mostrar que

pode-se [...] isolar artificialmente um dos seus aspetos e estudá-lo – não, compreendendo-se como se os demais aspectos inexistissem, mas projetando-o sobre eles: no sentido, é viável aprofundar, numa obra literária, a compreensão do *seu* espaço ou do *seu* tempo, ou, de um modo mais exato, do tratamento concedido, aí, ao espaço ou ao tempo: que função desempenham, qual a sua importância e como os introduz o narrador. Note-se ainda que o estudo do tempo ou do espaço num romance, antes de mais nada, atém-se a esse universo romanesco e não ao mundo.

A ideia de universo literário é discorrida também pelo filósofo francês Maurice Blanchot, em *A literatura e o direito à morte (A parte*

*do fogo*). Em sua obra, o autor ressalta o papel da ficção dentro dos acontecimentos reais, comentando:

palavras reais e uma história imaginária, um mundo onde tudo o que acontece é tirado da realidade, e esse mundo é inacessível; personagens que se querem vivos, mas sabemos que sua vida é feita de não viver (de permanecer ficção); então, um puro nada? Mas o livro está ali, nós o tocamos, as palavras são lidas, não podemos mudá-las; o nada de uma ideia, do que só existe compreendido? Mas a ficção não é compreendida, é vivida sobre as palavras a partir das quais se realiza, e é mais real, para mim que a leio ou a escrevo, do que muitos acontecimentos reais, pois se impregna de toda a realidade da linguagem e se substitui à minha vida, à força de existir (BLANCHOT, 1997, p: 326).

Retornando à esteira de Lins (1976), recorre-se ao conceito de espaço social desenvolvido pelo teórico. Tal conceito torna-se indispensável para a pesquisa, porque ele envolve, simultaneamente, a existência de um período repressivo e o nível de civilidade de certo perímetro geográfico. Partindo da referida noção de espaço social, pode-se observar que a época de opressão compreende-se por manifestações de rua e revoltas provocadas pelo descontentamento da população com o governo. Esses movimentos fazem parte do espaço social, em consequência de transformarem a sociedade. No caso do quesito civilização, é viável refletir sobre as classes da sociedade. É perceptível que cada região é representada por uma classe. E, dependendo da educação dos níveis sociais, os territórios geográficos são reconhecidos pelos grupos que os habitam. A ideia de região e nível social de personagens pode ser notada na seguinte frase: “[...] outras tantas manifestações de tal conceito podem ser identificadas na classe a qual ela pertence e na qual ela age” (LINS, 1976, p: 75).

Da bibliografia de Blanchot (1997), emprega-se a temática da transformação de determinados materiais para concretizar o projeto de uma estufa. Tal transformação será descrita no intuito de denotar uma

ideia de atendimento de necessidade, o qual, em um determinado momento, será relacionado com as carências sofridas pelos moradores do gueto.

A referência bibliográfica de *A poética do espaço* (BACHELARD, 1998) tem como objetivo o uso de imagens para remeter ao espaço. Um exemplo é a imagem da casa. Esse lugar, embora, à primeira vista, tenha a função óbvia de abrigar um sujeito, representa o mundo desse sujeito, pois é nessa casa onde tal indivíduo colocará sua identidade.

Dentre as teorias contemporâneas acerca do espaço, é fundamental mencionar a de Gaston Bachelard, exposta no livro *A poética do espaço* (1998). Na teoria, Bachelard debruça-se em cima das imagens da casa, da gaveta, do ninho, da concha, dos cantos, do exterior e do interior, para citar somente algumas. Em sua topoanálise, a casa, como espaço interior, é simbolizada como “um ser privilegiado”. Por meio dela, são expressos valores e crenças e é onde também há o vislumbre de realidades espaciais que constituem uma vivência própria no mundo. Não são imagens solitárias, estanques. São imagens nucleadas, pontos de gravidade, de temas satélites que estão associadas a elas.

Seguindo a temática da identidade apresentada por Bachelard (1998), ela será o conceito dentro da análise desta dissertação que envolve o contraste entre a residência detentora das particularidades de seu habitante e a ausência de aspectos pessoais dentro da área isolada de Cracóvia. Entretanto, Bachelard utiliza como exemplo uma casa para fazer uma ponderação. A ponderação envolve a função mais básica de habitar uma residência, que é justa e simplesmente a de ocupar um espaço. Conforme as palavras do autor,

[...] não se trata de descrever casas, de pormenorizar-lhes os aspectos pitorescos e de analisar as razões do seu conforto. É preciso, ao contrário, superar os problemas da descrição – seja ela objetiva ou subjetiva, isto é, quer se refira a fatos ou a impressões – para atingir as virtudes primárias, aquelas em que se revela uma adesão inerente, de certo modo, à função original de habitar (1998, p: 24).

Em *Lima Barreto e o espaço romanesco* (LINS, 1976), são adotadas as descrições feitas pelo autor sobre o vínculo que o espaço possui com os personagens e o significado deste dentro das obras de caráter literário.

Dentro de uma visão geral do aporte teórico mencionado e dos conceitos utilizados na análise, com base em *A lista de Schindler: um herói do Holocausto*, constata-se que as bibliografias de Candido (1972), Lins (1976), Blanchot (1997) e Bachelard (1998) vão ao encontro da escrita de Keneally (1995) para auxiliar, cada uma ao seu modo, no esclarecimento da função do gueto como espaço em uma narrativa literária.

De diferentes modos, Lins (1976) e Blanchot (1997) retratam olhares acerca do universo literário. O primeiro faz uma abordagem onde o estudo das categorias de espaço e tempo estão relacionadas ao aspecto romanesco de uma narrativa, e não ao mundo, uma vez que, embora as categorias supracitadas existam no mundo real, em uma obra literária, estas se resumem a forma como uma narrativa é escrita. Enquanto isso, o segundo autor observa que a ficção é uma reprodução do mundo real. Nessa observação, Blanchot (1997) descreve a possibilidade de a ficção ser realidade, devido ao fato de a ficção basear-se no mundo real. Embora nos dois livros, em algum ponto, haja uma discussão acerca do universo literário, as ideias utilizadas para a análise da pesquisa são distintas.

A tônica deste trabalho recairá na representação espacial do bairro de Cracóvia na obra de Keneally (1995). A pesquisa consistirá na análise a partir das teorias contemporâneas atreladas ao espaço, buscando-se a perscrutação dos processos literários da reconstituição do gueto. Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, orienta-se para o estudo das interações subjetivas que se realizam no contato entre judeus e alemães.

É notável que o autor de *Degradação do espaço (Estudo sobre a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em L'assomir)* (CANDIDO, 1972) aponta uma visão baseada na obra *L'assomir*, de Émile Zola, onde se faz presente a degradação espacial e moral. A protagonista, uma lavadeira de nome Gervaise, ao se mudar de sua cidade natal, Plassans, para um subúrbio operário em Paris, muda também de comportamento. A noção utilizada com intuito analítico será



a descrição de Candido acerca dos contrastes representados em *L'assomir*, como o ofício de lavadeira contra a ociosidade adotada pela personagem um tempo após sua chegada em Paris, a desistência de um trabalho digno pelas perdições do subúrbio e a virtude de uma profissão pelos males dos vícios.

Seguindo por essa linha de pensamento, Candido (1972) propõe um entendimento à obra literária de Keneally (1995) quanto às ações de determinados personagens judeus de caráter duvidoso os quais estão inseridos no gueto. Assim, a partir dessa discussão, objetiva-se analisar o contexto histórico, econômico e social presente na obra, para mostrar como as interações vivenciadas nos guetos, quase sempre marcadas pelo desespero, humilhação e exploração, construíam identidades muitas vezes ambíguas – por exemplo, o caso de Leopold “Poldek” Pfefferberg, um indivíduo que trabalhava na *Ordnungsdienst* (Força policial Judaica) e realizava contrabando, uma atividade ilegal que auxiliava na sobrevivência dos habitantes do local.

O personagem Pfefferberg, uma figura de importante presença no gueto de Cracóvia, é retratado na obra de Keneally (1995) em momentos importantes na trajetória do espaço de segregação, tais como a formação da *Ordnungsdienst*, os atos de contrabando e a elucidação da área isolada de Cracóvia. Na narrativa, Pfefferberg, que fora um professor de educação física do secundário antes da guerra, é o tipo de personagem o qual denota a facilidade de adequação da própria vida conforme o ambiente onde vive.

Pelo fato de Poldek ser judeu, ele necessitava conviver em um gueto, e essa necessidade torna-se a chave responsável por abrir a “caixa das memórias” de um personagem o qual é apresentado na narrativa de *A lista de Schindler* (1995) como um sujeito que se ambientava no espaço do gueto de acordo com suas escolhas um tanto peculiares e contraditórias de ser um integrante da *Ordnungsdienst*, também conhecida como *OD* e, ao mesmo tempo, realizar atividades contrabandistas.

A primeira vista, ambiente e espaço proporcionam a impressão de serem sinônimos. Todavia, é corroborado em *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976), que o elemento espacial dentro da narrativa pressupõe, inicialmente, a fixação das diferenças entre o conceito de espaço e de ambientação. Para Lins,

por *ambientação* entende-se o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado *ambiente*. Para a aferição do espaço, levamos em conta a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa (p: 77, grifo do autor).

Enquanto a noção de espaço encontra-se sinalizada para a descrição exata e fiel de uma dada realidade topográfica, a ambientação vincula-se à visão transfigurada e remodelada do narrador em torno dessa mesma realidade. Sendo assim, é visível que o autor de *A lista de Schindler* (1995), ao expor a vivência de Pfefferberg, mediante as memórias deste, não descreve um espaço objetivamente limitado e exageradamente repleto de pessoas. Na verdade, Keneally descreve um senso de ambientação aguçado por uma perspectiva vista por Poldek, realidade esta a qual era representada pela corrupção da *Ordnungsdienst* e também pela necessidade de realização de contrabando em tempos de guerra.

Na obra escrita por Keneally (1995), as recordações acerca das contrastantes escolhas de vida do ex-professor de educação física remetem a uma época onde havia uma distorção do conceito de certo e errado. No período correspondente à Segunda Guerra, o governo nazista considerava correto tanto isolar e aglomerar de forma excessiva a população judia em um local de espaço limitado quanto utilizar a Força Policial Judaica para a obtenção de listas as quais pretendiam denunciar judeus, que, posteriormente, seriam enviados para os campos de concentração.

De acordo com o que fora supramencionado, há uma distorção entre valores certos e errados. Essa distorção ocorre quando a OD, instituição a qual deveria proteger os residentes do perímetro cracoviano, começara a entregar as listas deladoras para a SS em consequência do poder de um cargo na polícia judia ter corrompido o caráter de seus membros. Pfefferberg entrara na *Ordnungsdienst* para manter uma ordem dentro do caótico e excessivo contingente de pessoas no gueto, pois somente o estabelecimento da ordem através da aquietação dos descontentes cidadãos seria capaz de fazer com que o

regime nazista não pensasse sequer na possibilidade da existência de contrabando no espaço isolado.

Na obra *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (1995), a relação entre Pfefferberg e a atividade contrabandista é explicitada de um modo que é permitido que o ato ilegal partido desse personagem seja enxergado como uma ação a qual tinha como intuito proporcionar uma condição de vida um pouco mais confortável para o povo deveras sofrido do gueto. O contrabando de artigos e alimentos, embora significasse transgredir a lei, era o único meio capaz de garantir que a população não sucumbisse diante da fome e da miséria responsáveis por assolar em demasia o gueto. Pelo fato de a lei no período nazista ser totalmente ineficaz no auxílio aos judeus, a infração desta era um método que, apesar de ser errado, o ex-professor de educação física utilizava pelo motivo certo.

Em relação ao exercício do reavivamento de memórias, é imprescindível destacar que a narrativa escrita por Keneally (1995) somente fora concretizada em decorrência da visita deste, no ano de 1980, a uma loja de malas em Beverly Hills, uma cidade localizada no Condado de Los Angeles, no estado americano da Califórnia. O proprietário do estabelecimento era justamente Pfefferberg, um sujeito de origem judaica que sobrevivera ao terrível período da II Guerra Mundial. No momento onde se conheceram, Pfefferberg relatara ao autor a história acerca da vida do industrial alemão Oskar Schindler e seu papel no salvamento de judeus em Cracóvia durante a guerra.

O relato de Poldek estimulara Keneally (1995) a entrevistar cinquenta Judeus Schindler (nome dado aos sobreviventes salvos pelo industrial). Os testemunhos destes tinham como objetivo a formação de uma base para a construção da obra literária de *A lista de Schindler: um herói do Holocausto*. Os cinquenta judeus (incluindo Poldek) os quais forneceram seus depoimentos pós-guerra dispersaram-se em sete nações: Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Brasil, Estados Unidos e Israel. Ainda que a maior parte desses indivíduos não seja apresentada nesta dissertação, seus testemunhos mantêm vivas dentro da narrativa as recordações de um tempo onde o Holocausto era uma ameaça constante nas existências de milhares de indivíduos pertencentes à comunidade judia.

Um exemplo de testemunha dos horrores e infortúnios do genocídio do povo judeu é o químico e escritor italiano Primo Levi, o qual é mundialmente reconhecido por escrever obras referentes à literatura memorialística do Holocausto, tais como *É isto um homem?*, *A trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*. Na obra *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*, de Giorgio Agamben, é abordada a época onde Levi fora um prisioneiro do campo de concentração de Auschwitz. No químico e escritor, há um profundo desejo de expressar suas memórias por meio do ato do testemunho, e essa vontade torna-se latente no instante em que ele constata:

as recordações do meu cativeiro estão mais vivas e detalhadas do que qualquer outra coisa que aconteceu antes ou depois. Conservo uma memória visual e acústica das experiências de lá que não consigo explicar [...] ficam-me gravadas na mente, como se estivessem numa fita magnética, frases em línguas que não conheço, em polonês ou em húngaro; ao repeti-las a poloneses e a húngaros, disseram-me que tais frases têm sentido. Por algum motivo que não conheço, aconteceu-me algo de anômalo, diria que quase uma preparação inconsciente para testemunhar (LEVI apud AGAMBEN, 2008, p: 36).

Mesmo após o término da guerra, é visível que determinados sobreviventes possuíam o desejo de transformar em livros as lembranças de um cruel e doloroso período em que o regime nazista ceifara milhões de vidas em nome do antissemitismo. Observa-se que as memórias de Levi vão ao encontro dos relatos dos cinquenta Judeus Schindler. Isso ocorre devido Pfefferberg levar ao conhecimento daquele que viria a ser o autor de *A lista de Schindler* (1995) a história do industrial alemão o qual impedira o extermínio de um elevado número de pessoas de origem judia. Mediante os depoimentos dos cinquenta sobreviventes, depoimentos estes resultantes da iniciativa de Poldek em expor para Keneally a história de Schindler juntamente com a vida de miséria e angústia do povo judaico, as recordações desses cinquenta indivíduos, assim como as de Levi, puderam ser transmitidas para a posterioridade.

Nesse sentido, muitos relatos de interpretações aos discursos presentes na leitura, aliadas à análise de documentos e fotografias, permitem ilustrar que choques culturais, usos dos espaços e conflitos identitários criaram uma teia de conexões significativas. E a investigação será realizada principalmente por meio do viés do significado primário que esse lugar carregava consigo, o qual era o de segregar do resto da sociedade os indivíduos considerados racialmente inferiores.



### 3 A ASCENSÃO DE ADOLF HITLER AO PODER: O INÍCIO DO FIM

#### 3.1 HITLER: IDEOLOGIA RACISTA E DELÍRIO EXPANSIONISTA

*Toda forma de poder é uma forma de morrer por nada.*

*Humberto Gessinger*

Ao assumir o poder na Chancelaria da Alemanha, em 30 de janeiro de 1933, Adolf Hitler utilizara-se de sua posição para colocar a ideologia racista acerca dos judeus em prática com a implantação do regime nazista. Seria o princípio de uma era tirânica, conhecida como “Terceiro Reich”, da qual resultaria a Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, seu acontecimento mais sádico e obscuro: o Holocausto.

Figura 1 – Adolf Hitler após assumir o poder.



Fonte: Deutsche Welle (2017).

O antissemitismo fora a causa para o genocídio do povo judeu. Conforme ressalta Daniel Jonah Goldhagen, em *Os carrascos*

*voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto* (1997), o chanceler fazia menção à culpa das pessoas judias em relação aos problemas da Alemanha, tais como a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a imposição da democracia (liquidada com a implantação do regime nazista), os conflitos da modernidade, entre outros acontecimentos.

Após o fracasso na guerra, no dia 5 de janeiro de 1919, o Partido Trabalhista Alemão (*Deutsche Arbeiters Partei*) fora fundado em Munique. No mesmo ano, Hitler filiara-se a esse partido. Em 1920, como ele fora incubido da propaganda do partido, modificara seu nome para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*National Socialistische Deutsche Arbeiters Partei – NSDAP*). Em 9 de novembro de 1921, Hitler chegara à presidência do *NSDAP*. Na obra *Holocausto: o massacre de 6 milhões*, Ben Abraham (1992, p: 17-18) destaca que

[...] em 1923, aproveitando-se do descontentamento popular, tenta o Putsch – golpe – para se apoderar do governo da Baviera e marchar sobre Berlim. O Putsch falhou e Hitler foi condenado a 5 anos de prisão, dos quais cumpriu só 9 meses na Fortaleza de Landsberg.

Durante a estadia na prisão, o presidente do Partido Nacional Socialista escrevera *Mein Kampf* (Minha Luta), um livro permeado por sua doutrina racista. A posse da dirigência da Alemanha fora o momento oportuno para concretizar os pensamentos doentios descritos em *Mein Kampf*. Segundo Abraham (1992), são abordados nessa nefasta obra os aspectos políticos, a supremacia da raça ariana e o extermínio da população judia. Acerca do controverso livro, Goldhagen (1997, p: 98) conclui que

[...] com uma linguagem sanguinária e aterrorizante, Hitler revelou-se um líder visionário, oferecendo aos alemães um futuro com uma sociedade racialmente harmoniosa, purgada de conflitos de classe, e especialmente, dos judeus.

O conceito de hegemonia presente na obra hitleriana propagara-se a partir do rearmamento, remilitarização e expansão da Alemanha, atividades as quais essa nação estava proibida de realizar, pois participara do Tratado de Versalhes (acordo de paz assinado em 1919



por potências europeias, como Inglaterra, França, Itália, entre outras), um documento que declarava oficialmente o final da Primeira Guerra Mundial).

Figura 2 – Em comemoração à anexação da Áustria, oficiais nazistas forçam judeus a limpar uma rua em Viena com escovas de dente.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

Para esclarecer a quebra do tratado, no livro *A Segunda Guerra Mundial* (1994), Antonio Pedro menciona que a desautorização iniciara em 7 de março de 1936, com a invasão da Renânia (região de fronteira entre a França e a Alemanha) pelos soldados da *Wehrmacht* (Exército Alemão). Com a invasão das tropas nazistas, o território renano passara pelo processo de expansão. O autor cita que, por intermédio do expansionismo dessa região, “o nacionalismo, ferido profundamente em 1919, começava agora a ser resgatado” (PEDRO, 1994, p: 12).

A Áustria fora outra região onde, em março de 1938, o domínio nazista expandira-se e obtivera uma recepção favorável. Em *O trauma alemão: experiências e reflexões 1938-2000* (2007), um livro simultaneamente de caráter historiográfico e autobiográfico, a autora Gitta Sereny relata um episódio ocorrido logo após a ocupação da nação austríaca: o discurso de Adolf Hitler em Viena. Como testemunhara pessoalmente esse evento, Sereny recorda que o líder nazista agradeciara os vienenses e austríacos por terem recebido amistosamente os alemães. Devido à invasão territorial, houve a *Anschluss* (anexação político-militar da Áustria pela Alemanha). Com a conexão, Hitler cumprira seu objetivo: “sem nenhum tiro, a Áustria passou a fazer parte do chamado

III Reich” (PEDRO, 1994, p: 13).

Então, a obsessão expansionista do *Führer* (líder) estendera-se à Europa Oriental. Conforme destaca Abraham (1992), em outubro de 1938, a Tchecoslováquia fora mais um país anexado. A justificativa para tal ato era a de oferecer proteção ao povo alemão que vivia na abastada região dos Sudetos. No dia 15 de março de 1939, os soldados entraram nas regiões de Morávia e Boemia, convertendo-as em protetorado. No mesmo ano, o *Führer* interligara Memel, localizada na Lituânia, a Prússia Oriental.

Após as anexações mencionadas, a Polônia estaria sob os olhares dos nazistas. A cidade independente de Danzig e o *Korridor* (corredor polonês – uma restrita faixa de terra que proporciona acesso ao Mar Báltico) seriam os próximos alvos. Por receber apoio da Inglaterra e da França, a Polônia recusara-se a ceder seus domínios. Como as duas potências europeias estavam apoiando a nação polonesa, era impensável a possibilidade de o chanceler do Estado alemão iniciar uma guerra.

Contudo, a hipótese inimaginável concretizara-se em 23 de agosto de 1939, quando a Alemanha e a União Soviética assinaram o Pacto de Não Agressão, que consistia na divisão dos territórios poloneses. Pedro (1994, p: 17) descreve que

[...] os dois países se comprometiam a manterem-se neutros em caso de guerra, mas não havia nenhum compromisso nem acordos de amizade. [...] Através de artigos secretos, parte da Polônia habitada por bielo-russos e ucranianos passava a ser área de interesse da União Soviética. [...] À Alemanha foi garantida a neutralidade da União Soviética, o que lhe evitava a possibilidade de lutar em duas frentes.

Para a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) de Josef Stalin, apropriar-se da parte a qual lhe cabia no contrato, em troca de sua neutralidade, era uma oportunidade realmente única. O acordo aparentemente vantajoso viria a ruir em 22 de junho de 1941, quando as tropas nazistas invadiram a Rússia e tomaram os territórios bielo-russos e ucranianos na denominada Operação Barbarossa. Essa operação ocorrera de forma súbita. Acerca de tal fato, de acordo com Abraham (1992, p: 48), “[...] em menos de 3 semanas, os alemães conquistaram

Brest, Bialistock, Kovno, Vilna, Minsk, Przemysl, Czernovitz e Dubno, sem mencionar vilas e cidades de menor importância”.

Conforme Pedro (1994), em uma tentativa frustrada de impedir um conflito, França e Inglaterra exigiram a retirada das tropas alemãs da Polônia. Além de o *Führer* não ter atendido à ordem, iniciara o processo de invasão na madrugada de 1 de setembro de 1939. Era a eclosão da II Guerra Mundial. A Alemanha investira pesadamente em seus ataques, utilizando carros de combate e tanques de guerra. A *Luftwaffe* (Força Aérea Alemã) disparara incansavelmente bombas nos inaptos soldados poloneses.

Os ataques eram tão vertiginosos que ficaram conhecidos como *Blitzkrieg* (guerra-relâmpago). Como consequência pela afronta, no dia 3 de setembro de 1939, Inglaterra e França declararam guerra ao Estado alemão. Contudo, nem mesmo a declaração fora suficiente para impedir as intenções expansionistas de Hitler, pois seu avanço continuava feroz. Os conflitos dentro da Polônia cessaram apenas em 28 de setembro de 1939, quando Varsóvia, após ser sitiada, bombardeada e evacuada pelos políticos da nação polonesa, rendera-se.

### 3.2 AGRESSÕES E BOICOTES: PRENÚNCIOS DE UM GENOCÍDIO

*Ó Alemanha...  
Ouvindo as falas que vêm da tua casa, rimos.  
Mas quem te vê, corre a pegar a faca.*

*Bertold Brecht*

Figura 3 - Comício em Berlim. Data: 15 de agosto de 1935. Cidadãos alemães ouvem discursos antissemitas para tomarem conhecimento de uma futura Alemanha “livre de judeus”. Nas duas faixas, lê-se: “Os judeus são nossa desgraça” e “Mulheres e meninas: os judeus são sua ruína”.



Fonte: Goldhagen (1997).

A questão antissemita em relação aos judeus existia antes mesmo de Hitler assumir o cargo de chanceler. Porém, essa problemática intensificara-se com o episódio da tomada da Chancelaria pelo líder nazista. Pouco tempo após o *Führer* obter a dirigência do Estado, não apenas os nazistas como também os cidadãos comuns iniciaram seus ataques. As investidas ofensivas consistiam em agressões físicas e verbais, com requintes de humilhações públicas. Em seguida, vieram os boicotes da vida econômica e social da Alemanha. Seria o prelúdio de um trágico caminho o qual rumaria ao Holocausto.

Em princípio, o antijudaísmo apresentara-se sob a forma de agressões físicas ocasionais contra os judeus e depredação de suas propriedades, como sinagogas e cemitérios. Goldhagen (1997) observa que os ataques verbais eram vistos como atitudes normais, devido ao povo judaico ser socialmente marginalizado dentro da nação germânica. Em um curto espaço de tempo, o comércio dos judeus fora boicotado. Esse povo também sofrera represálias no setor público após a Lei para a Restauração do Serviço Civil Profissional entrar em vigor, segundo a qual o padrão “raça” era um importante pré-requisito para ocupar o cargo de servidor público. Posteriormente, a coletividade judia precisara suportar a exclusão da sociedade, pois algumas cidades na Alemanha exibiam placas vetando a entrada de judeus.

No livro *Ascensão e queda do Terceiro Reich: Triunfo e consolidação 1933-1945* (2008), William L. Shirer relata que, em 1933, primeiro ano do governo nazista, além de serem expulsos do serviço público, os judeus foram banidos das áreas de jornalismo, rádio, agricultura, ensino, cinema e teatro.

Figura 4 – Multidão reunida na *Opernplatz* (Praça da Ópera) para participar da queima de livros considerados “não alemães” pelos nazistas. Berlim, Alemanha. Dia 10 de maio de 1933.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

Em 1934, os judeus foram exonerados da Bolsa e proibidos de exercer a advocacia, a medicina e trabalhos comerciais e industriais (apesar de o veto de praticar essas atividades ter sido legalizado somente em 1938).

Figura 5 - Após o decreto das leis de Nüremberg, um casal, ela alemã e ele judeu, é ridicularizado por oficiais nazistas, mediante placas com dizeres ofensivos. Na placa da mulher, lê-se: “Eu estou com o maior dos porcos, e apenas me entrego a judeus”. Na do homem, pode-se ler: “Como um garoto judeu, eu sempre levo apenas garotas alemãs para o quarto” (tradução minha).



Fonte: Abraham (1992).

No dia 15 de abril de 1935, as leis de Nüremberg foram editadas pelo *Reichstag* (Parlamento). Essas leis tinham como objetivo primordial defender a legitimidade e a honra do sangue ariano. Conforme os preceitos de Nüremberg, eram aplicadas duras penas de prisão aos alemães que permanecessem em uma relação conjugal ou extraconjugal com pessoas judias, as quais recebiam uma pena capital. Acerca dos filhos resultantes da união de um casal misto, eles “[...] eram considerados judeus, salvo quando a mãe ariana fazia uma declaração pública, de que seus filhos eram bastardos, fruto da relação com seu amante ariano” (ABRAHAM, 1992, p: 24).

Dentre as diversas restrições e humilhações, os indivíduos judaicos ainda enfrentaram a privação de direitos básicos, pois lhes foram negadas

[...] não apenas a maioria das comodidades da vida, mas, até, muitas vezes, as mínimas necessidades. Em mais de uma cidade, os judeus encontravam dificuldade, senão a impossibilidade, de

comprar alimentos. Nas portas dos armazéns e açougues, das padarias e leiterias, havia letreiros que diziam: “Não é permitida a entrada de judeus”. Em muitas comunidades, os judeus não podiam procurar leite nem mesmo para seus filhos. As farmácias não lhes podiam vender drogas ou remédios. Os hotéis não lhes davam alojamentos para dormir. E, sempre, onde quer que fossem, havia os insultuosos letreiros “É estritamente proibida a entrada de judeus nesta cidade” ou “A entrada de judeus neste local corre por sua própria conta” (SHIRER, 2008, p: 317).

Abraham (1992) assevera que, entre o século XVIII até a década de 1930 do século XX, os indivíduos de origem judaica eram assegurados por direitos constitucionais. Antes de o nazismo imperar no solo germânico, os judeus participavam das atividades científicas, políticas e culturais da Alemanha. Muitos deles possuíam altas posições nos âmbitos militar e administrativo. Todavia, com a implantação do regime nazista, Hitler der início à concretização de suas ideias racistas mediante violência e exclusão. O objetivo final desses ideais seria a aniquilação massiva do povo judeu.

Durante o período do Terceiro Reich, é notável que o racismo exacerbado e ardorosamente defendido na doutrina hitleriana era ministrado por pessoas desprovidas de bom senso e de escrúpulos. Tal observação pode ser comprovada em *O significado da Segunda Guerra Mundial* (1989), onde Ernest Mandel destaca que a ideologia racista funcionava devido a fatores como a ausência de consciência crítica dos indivíduos, a convivência destes com os atos de antisemitismo e políticos perversos no controle do poder estatal.

Em 1938, segundo Abraham (1992), o boicote do regime nazista chegara a outro patamar: a repatriação. Forçosamente, Hitler fizera muitos judeus retornarem à pátria de origem. A Polônia recebera um enorme contingente de deportados. Todavia, como os poloneses mostraram-se contrários à entrada de pessoas judias em seu país, estas foram alocadas nos campos próximos à cidade fronteiriça de Zbaszyn. A decisão do *Führer* resultaria em uma grave consequência, a qual

desencadearia um dos acontecimentos mais aterrorizantes da história do III Reich: a Noite de *Pogroms* (palavra de origem russa para designar ataques violentos de grandes proporções).

### 3.3 A NOITE DE *POGROMS*: UM ESTILHAÇO DE VIDRO NO DRAMA DO HOLOCAUSTO

*Sinto, não raro, profunda tristeza ao pensar no povo alemão, tão estimável como indivíduo e tão infortunado na generalidade [...]*

*Johann Wolfgang von Goethe*

O ápice da perseguição partida dos germânicos ocorrera na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, quando um número alarmante de sinagogas, residências e lojas de cidadãos judeus fora destruído, saqueado e incendiado em diversas cidades da Alemanha. Devido às vitrines e janelas quebradas, esse fatídico evento também ficara conhecido na história como *Kristallnacht* (Noite de Cristal). Essa noite representara o divisor de águas entre as exclusões impostas à comunidade judaica e o Holocausto. Em 7 de novembro, uma motivara a série de ataques violentos: Herschel Grynszpan, um judeu de 17 anos, assassinara com um tiro Ernst von Rath, um secretário da embaixada alemã em Paris.



Figura 6 - Incêndio da sinagoga de Börneplatz, localizada em Frankfurt, durante a Noite de *Pogroms*.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

De acordo com Shirer (2008), Grynszpan desejava vingar a repatriação de seu pai para a Polônia e, simultaneamente, a perseguição à população judia. A meta era atirar no embaixador e conde Johannes von Welczeck. Erroneamente, Rath fora atingido com o tiro fatal. A morte acidental do secretário teve seu lado irônico, pois ele discordava com as atrocidades praticadas pelo nazismo. O autor acrescenta que, em sinal de represália ao assassinato, os alemães vandalizaram os locais mencionados no início desta subseção. A onda de ataques fora planejada por Joseph Goebbels, o ministro da propaganda do Partido Nazista. Toda essa brutalidade desmedida, “[...] segundo o Dr. Goebbels e a imprensa alemã, que ele controlava, era uma espontânea demonstração da população germânica, reagindo às notícias do assassinato em Paris” p: 568).

Além da depredação de lares, sinagogas e estabelecimentos, a triste ocasião resultara em agressões, mortes e expedições para campos de concentração. Após a tragédia, a realidade apresentara-se de uma forma tão cruel que

[...] qualquer esperança sobre a

continuidade da comunidade judaica na Alemanha acabou despedaçada pelos ataques durante a *Kristallnacht*<sup>2</sup>, fatos estes sem precedentes na história da Alemanha moderna. Diante da perseguição e violência generalizadas ocorridas em toda a Alemanha (especialmente fora dos grandes centros), a *Kristallnacht* foi, de certo modo, o momento da coroação do terror interno perpetrado contra os judeus (GOLDHAGEN, 1997, p: 111).

Goldhagen (1997) destaca que muitos cidadãos germânicos tiveram uma reação favorável ao fato. Um exorbitante contingente deles não somente assistira, por livre e espontânea vontade, a um espetáculo de horrores como compactuara com a violência sem precedentes. Esses mesmos indivíduos fizeram questão de também presenciar a deportação dos judeus para os campos de concentração.

Em uma reunião na manhã posterior aos *pogroms*, o marechal de campo Hermann Göring e Reinhard Heydrich, um dos líderes da SS, discorreram acerca de uma estratégia emigratória. Conforme ressalta Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (2008), Heydrich esboçara um plano, especificando que seria retirada uma determinada soma monetária de pessoas judias e ricas que desejavam emigrar. O pagamento dessa quantia (juntamente com uma quantia extra em moeda estrangeira) financiaria a partida delas; simultaneamente, haveria uma separação entre estes judeus e os judeus pobres. A soma adicional dos judeus privilegiados funcionava como uma estratégia para purgar mais rapidamente o território alemão da massa judaica desfavorecida.

A agressiva depredação rendera um alto prejuízo financeiro. Abraham (1992) destaca que, com o comércio sob o controle de comissários germânicos e o congelamento de contas bancárias, as companhias de seguro alemãs foram responsabilizadas pelo pagamento dos danos. Porém, para ressarcir a perda monetária das companhias,

<sup>2</sup>O termo *Kristallnacht* fora cunhado pelos nazistas e possui teor antissemita. Atualmente, o termo utilizado na historiografia é (*Reichs-*) *Pogromnacht* (Noite de *Pogroms*).

Göring obrigara a comunidade judia a arcar com uma multa de um bilhão de marcos. Para esclarecer sobre essa multa, Shirer comenta que

[...] certo número de firmas alemãs de seguros iria à bancarrota se tivesse de pagar os estragos dos prédios destruídos (a maioria dos quais, embora abrigassem lojas judias, eram de propriedade de alemães) e das mercadorias danificadas. A destruição só dos vidros das janelas chegou a ser de cinco milhões de marcos, como um certo *Herr Hilgard*, que fora convocado para falar pelas companhias de seguro, lembrou a Göring; e a maioria dos vidros tinham de ser substituídos pela importação do exterior, em moeda estrangeira, da qual a Alemanha tinha escassez (2008, p: 570).

Basicamente, o ministro da economia solucionara a questão da seguinte forma: as seguradoras reembolsariam a coletividade judaica pelos prejuízos. Após o reembolso, o dinheiro seria apreendido pelo Estado, com a meta de compensar uma parte da perda das seguradoras. E o episódio do infortúnio noturno repercutira internacionalmente. Segundo Goldhagen (1997, p: 114),

[...] não apenas a Alemanha, mas todo o mundo ocidental presenciou a *Kristallnacht*. Este último reagiu com repulsa moral e indignação. Já o povo alemão não demonstrou os mesmos sentimentos [...] Para todos os alemães, esse foi o momento em que se tornou possível que seu governo não descartaria o uso dos métodos mais radicais para assegurar a eliminação dos judeus e da influência judaica na Alemanha.

Sob uma perspectiva otimista, a Noite de *Pogroms* poderia ter sido uma ocasião onde os indivíduos germânicos compadecessem-se da lamentável situação de seus compatriotas judeus e manifestassem compaixão por estes. Infelizmente, tal estilhaço de vidro no drama do Holocausto servira somente como uma demonstração concreta de que o povo alemão estava apoiando as intenções eliminacionistas dos nazistas.

### 3.4 O HOLOCAUSTO: CODINOME “SOLUÇÃO FINAL”

*Hitler foi o destino da Alemanha,  
e esse destino não podia ser evitado.*

*Walter von Brauchitsch*

Figura 7 – Campo de concentração de Theresienstadt.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

Devido à sucessão de horrores da noite marcada por violência e depredação massiva explicitada na subseção anterior, as pessoas de origem judia desejavam fugir da Alemanha. Porém, a situação desses indivíduos tomara um rumo diferente, quando Göring, em 31 de julho de 1941, enviara uma carta a Heydrich. Na missiva, havia uma ordem determinando que Heydrich submetesse uma proposta em relação ao extermínio em massa da comunidade judaica, extermínio este que recebera o codinome “solução final”.

Arendt (2008) corrobora que, inicialmente, a intenção executora de Hitler era secreta. Contudo, em seguida, essa finalidade ficara conhecida dentro do Partido Nazista. Quando o segredo começara a ser disseminado, Adolf Eichmann fora um dos primeiros homens de baixa posição no partido a saber do plano de extermínio. Arendt ainda destaca a Conferência de Wannsee, onde Eichmann esteve presente juntamente

com subsecretários do Estado. A conferência, realizada em janeiro de 1942 em Wannsee, um subúrbio de Berlim, fora uma reunião convocada por Heydrich para obter a colaboração de todos os ministérios e serviços públicos sobre o modo como o genocídio suceder-se-ia. Em relação às correspondências acerca do assunto, eram empregados eufemismos para ocultar as palavras de pesados significados. Os termos para assassinato eram “solução final”, “evacuação” e “tratamento especial”. Na substituição da palavra deportação, fazia-se uso dos vocábulos “mudança de residência” (quando judeus abonados eram remetidos para o campo de concentração de Theresienstadt), “reassentamento” e “trabalho no Leste” (quando os judeus eram reassentados em guetos para, seguidamente, uma parte deles ser utilizada em trabalhos forçados).

Goldhagen (1997) ressalta que, embora a meta do *Führer*, desde o início da década de 1930, fosse eliminar a vida judaica na Alemanha, o momento não se apresentava propício. E, justamente nesse instante, o Estado germânico estava saindo de uma depressão econômica e buscando o rearmamento. A realização de um ataque nessas condições não seria capaz de um extermínio definitivo. Tal ataque seria realmente prematuro, e obteria como resultado apenas um breve abalo da coletividade judaica.

No término dos anos 1930 e início dos 1940, houve um período de experiências eliminatórias, o qual consistia em homicídios e criação de guetos. Entre 1939 e 1941, os germânicos não pretendiam mais manter vivos os alvos de sua perseguição durante muito tempo em seus domínios territoriais. E, por isso, os funcionários do *Führer* deram início aos esboços de ideias para extirpar a presença judia tanto na Alemanha quanto nas regiões anexadas por essa nação.

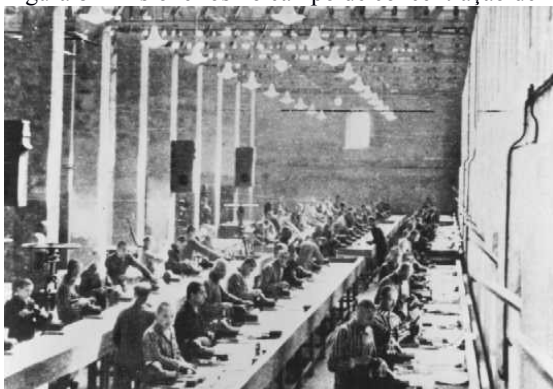
Abraham (1992, p: 75-76) salienta a expedição de judeus para os guetos a partir da eclosão da Segunda Guerra Mundial e as consequências da deportação em curto prazo. De acordo com o autor,

por falta de comida, medicamentos, roupas e higiene, o processo biológico entrava em enfraquecimento e acelerava a desintegração física. Dessa maneira, morriam milhares de judeus, sem a necessidade da intervenção dos carrascos nazistas. [...] Somente no Gueto de

Varsóvia, até a primeira deportação – 22 de junho de 1942 – morreram 100.000 pessoas de inanição. Nos demais guetos, a situação não era melhor [...].

Além dos óbitos ocasionados pelas condições de vida degradantes supramencionadas, aconteceram aniquilações massivas em julho de 1941 em Ponary (floresta próxima a Vilna), e em setembro do mesmo ano em Babi Yar (ravina próxima a Kiev). Nessas liquidações, um número exorbitante de judeus fora fuzilado.

Figura 8 - Prisioneiros no campo de concentração de Auschwitz.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

No mês de dezembro de 1941, entrara em atividade o primeiro campo de extermínio em Chelmo, perto de Lodz, na Polônia. A condução era realizada em caminhões fechados, os quais se assemelhavam a caminhões de mudanças. O escapamento estava direcionado para o interior do meio de transporte; devido esse detalhe, os gases alastravam-se pelo local. Durante o percurso, as vítimas sofriam por asfixia. Quando o motor do caminhão apresentava falhas no meio do trajeto, as pessoas que se encontravam na parte interna agonizavam enquanto aguardavam o motor ser consertado (o que, às vezes, demorava horas).

O campo de extermínio em massa mais conhecido da época do Holocausto fora o de Auschwitz, igualmente localizado na Polônia. Conforme Arendt (2008), Auschwitz compreendia um perímetro de

trinta quilômetros quadrados na região da Alta Silésia. Tal “empresa” contabilizava cerca de 100 mil prisioneiros de diversos perfis, até mesmo trabalhadores não judeus. No local, os assassinatos ocorriam de duas formas: por fuzilamento ou asfixia com utilização de gás. A primeira opção era concretizada por *Einsatzgruppen* (forças-tarefa), enquanto que, no segundo caso, a aniquilação por gás era efetuada em câmaras ou em caminhões. Milhões de judeus perderam suas vidas nos campos de concentração de Auschwitz, Stutthof, Janov, Belzec, Sobibor e Chelmo. Após as aniquilações, as empresas germânicas compravam os restos mortais das vítimas. Os despojos eram constituídos por “[...] cabelos para estofamentos, alianças e dentes de ouro, ossos moídos com cinzas para fertilizantes, óculos, sapatos, roupas e tudo o que pudesse ser aproveitado [...]” (ABRAHAM, 1992, p: 81).

Sobre o Holocausto, Goldhagen conclui que (1997, p: 177) que [...] o genocídio não foi uma consequência dos estados de espírito de Hitler, nem uma iniciativa local, nem fruto da mão impessoal de bloqueios estruturais, mas resultado do ideal hitlerista de eliminar o poder judeu, um ideal amplamente compartilhado na Alemanha. Raramente, um líder nacional que, de forma tão aberta, frequente e hepática, havia anunciado suas intenções apocalípticas – no caso, destruir o poder judeu e os judeus em si – conseguiu cumprir a promessa.

Os intuits genocidas do *Führer* não partiram de questões externas, e sim de sua doutrina racista. Ao assumir o poder na Chancelaria, ele se aproveitara dessa ocasião para impor suas crenças. Certamente, o desejo de tornar a Alemanha e até o mundo purgados da presença judaica fora o fator que motivara os nazistas a liquidarem a existência do povo que tanto perseguiam.

### 3.5 INSTALAÇÃO DOS GUETOS: AS “MORADIAS” DE ISOLAMENTO

*Quem sabe também as palavras  
Resistam até o surgir da luz-*

*E na hora predestinada  
Inesperadamente floresçam?  
E como o grão ancestral  
Que em caule se transformou,  
As palavras nutrirão,  
As palavras pertencerão  
Ao povo, em seu perene caminhar.*

*Avrom Sutzkever  
Poema Grãos de trigo, gueto de Vilna*

Basicamente, segundo o dicionário de alemão on-line *Langenscheidt* (2005 [s. p.]), o termo “gueto” possui as seguintes definições: bairros totalmente segregados onde a população judia era forçada a conviver; área onde uma minoria étnica ou religiosa habita; separação; afastamento social das minorias; ambiente fechado, não acessível. Os guetos funcionavam como campos concentracionários; afinal, em alguns deles, as pessoas de origem judia realizavam trabalho escravo.

Acerca de tal espaço segregador, Abraham (1992) explica que a finalidade dos guetos era isolar e fragilizar os moradores antes deles serem enviados para os campos de extermínio. O maior bairro segregador estava estabelecido em Varsóvia, e apresentava uma estimativa de 500 mil habitantes. O segundo, localizava-se em Lodz, onde fora construído o primeiro gueto oficial em novembro de 1939. Em cidades do leste europeu, como Lvov, Luck, Vilna, Cracóvia, Bialistok, Minsk, Riga, Sosnowiec, entre outras, também havia incidência desses espaços de isolamento.

Conforme afirma Goldhagen (1997), o gueto de Varsóvia apresentava uma superpopulação de 30% de habitantes ocupando 2,5% de seu perímetro. Além de possuir uma densidade populacional com cerca de mais de 68 mil pessoas por quilômetro quadrado, os quartos dos apartamentos eram compartilhados por nove indivíduos. Devido à superlotação, a água, os esgotos e os aquecimentos atendiam precariamente às necessidades dos moradores.

No livro *Quem escreverá nossa história? Os arquivos secretos do gueto de Varsóvia* (2009), Samuel D. Kassow destaca as difíceis condições de vida no maior gueto polonês. Aproximadamente 100 mil



pessoas morreram nesse bairro no período de 1940 a 1942, devido à doença e à fome. E, embora todos os espaços de segregação tivessem passado por péssimos momentos, as piores situações ocorreram no bairro varsoviano. De acordo com Kassow (2009), eram raros os guetos onde havia mais sofrimento e problemas de doença e fome do que o localizado em Varsóvia. Apesar de todos os bairros da Polônia invadida necessitarem de uma assistência eficaz, o local varsoviano era o mais carecido de ajuda.

A deportação dos judeus para os bairros segregadores implicava problemas para encontrar vocábulos ideais que designassem a situação. Usar palavras que remetessem a uma vida em uma comunidade normal seria irônico, pois o mundo desses indivíduos isolados mostrava-se nebuloso em tal momento. Acerca da vida social dos cidadãos de origem judaica dentro desses lugares claustrofóbicos, pode-se observar que

[...] durante algum tempo, os alemães permitiram um espaço mínimo para que os judeus organizassem algo que se afigurava como uma espécie de vida em sociedade. Embora grande parte da vida no gueto fosse uma distorção grotesca de uma sociedade “normal”, sobreviviam profundos traços da cultura e dos valores anteriores à guerra. [...] Apesar do êxodo maciço em 1939, o Gueto de Varsóvia ainda contava com uma grande massa crítica de jornalistas, intelectuais, agentes assistenciais, e outras lideranças (KASSOW, 2009, p: 126).

Antes de a guerra eclodir, Lodz, a cidade portadora do segundo maior gueto, era reconhecida mundialmente por suas indústrias têxteis. Segundo Abraham (1992), a maioria dos judeus da classe operária prestava serviços nessas indústrias. A outra parcela trabalhava em pequenos comércios, confecções e malharias.

Figura 9 - Criança e homem realizando trabalho escravo em uma fábrica nazista estabelecida no gueto de Lodz.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

No primeiro ano de funcionamento do bairro, uma estimativa de 20 mil pessoas falecera. As causas foram frio, fome e tifo. Os perímetros habitacionais eram realmente pequenos. Somente em um quarto, “moravam” diversas famílias. Para complicar o problema da superlotação, chegavam cidadãos de origem judaica de cidades vizinhas, e também de países como Alemanha, Tchecoslováquia e Áustria.

Figura 10 - Deportação de crianças judias do gueto de Lodz durante a ação *Ausgehsperr* (toque de recolher). Setembro de 1942.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

No ano de 1942, houve o desmantelamento de todos os guetos existentes, inclusive o de Varsóvia. O bairro de Lodz fora desativado apenas em agosto de 1944. Das 80 mil pessoas remanescentes do gueto de Lodz, sobreviveram apenas as que estavam em condições de realizar trabalho escravo. Os indivíduos que não se enquadravam nessa proposição, eram remetidos para Auschwitz; em seguida, tornavam-se vítimas das câmaras de gás.



## **4 “BEM-VINDO” AO GUETO DE CRACÓVIA: PODE ENTRAR. MAS NÃO PODE SAIR!**

### **4.1 MUDANÇA OBRIGATÓRIA: PROBLEMA HABITACIONAL E QUEBRA DE PRIVACIDADE**

*Cada morador tem seu mundo de segredos e mistérios.  
Jovem artista desconhecido  
Thomas Keneally (1995, p: 121).*

Mediante seus contatos com a SS, Oskar Schindler começou a escutar boatos acerca de um projeto de criação de um gueto para pessoas judias. Quando o industrial repassara a informação ao contador de sua empresa, Itzhak Stern, este confirmou a história de tal projeto. Como um cidadão judeu, Stern esclarecera a Oskar que, uma vez dentro do gueto, os inimigos antissemitas estariam do lado de fora, e automaticamente, os judeus não sofreriam atos de perseguição nas ruas.

Retornando ao conceito de Foucault (2010) sobre política, verdade e sociedade, é visível que cada sociedade é regida pelo discurso que esta considera verdadeiro. O discurso mencionado vem a ser uma “política geral”. A política geral é algo como uma verdade que deve ser aceita pelos membros de uma sociedade. Então, nota-se que, a partir desse raciocínio, demonstra-se que a imposição do gueto fora uma medida tomada pelo governo do III Reich, o qual apresentava um discurso onde o antissemitismo era uma verdade inquestionável para os nazistas. Dentro desse discurso, imperava a crença antissemita de que a separação dos judeus do restante da sociedade era a única forma de manter esta protegida do contato com um povo tido como racialmente inferior.

Em 3 de março de 1941, o decreto nomeado de Gen. Gub. 44/91 entrara em vigor. Essa lei mencionava a instalação de um bairro fechado. A existência desse bairro segregado mostrava-se complicada para os cidadãos de origem judia, pois poderia se ausentar do gueto somente quem trabalhasse e possuísse carteira de trabalho. Contudo, era imprescindível que esses mesmos trabalhadores retornassem à noite. A área do novo bairro seria o subúrbio de Podgórze. No dia 20 de março daquele ano, dar-se-ia por encerrado o prazo de mudança para o gueto. Devido à situação calamitosa, os poloneses encontraram-se forçados a

procurar urgentemente por habitações em outras áreas de Cracóvia.

Figura 11 - Gueto de Cracóvia separado do resto da cidade por uma cerca de arame farpado.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

Figura 12 - Área comercial na rua Nalewki, situada no bairro judaico de Varsóvia.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

Retornando ao conceito de Foucault (2010) sobre política, verdade e sociedade, é visível que cada sociedade é regida pelo discurso que esta considera verdadeiro. O discurso mencionado vem a ser uma “política geral”. A política geral é algo como uma verdade que deve ser aceita pelos membros de uma sociedade. Então, nota-se que, a partir desse raciocínio, demonstra-se que a imposição do gueto foi uma medida tomada pelo governo do III Reich, o qual apresentava um discurso onde o antissemitismo era uma verdade inquestionável para os nazistas. Dentro desse discurso, imperava a crença antissemita de que a separação dos judeus do restante da sociedade era a única forma de manter esta protegida do contato com um povo tido como racialmente inferior.

Em 3 de março de 1941, o decreto nomeado de Gen. Gub. 44/91 entrou em vigor. Essa lei mencionava a instalação de um bairro fechado. A existência desse segregado mostrava-se complicada para os cidadãos de origem judia, pois poderia se ausentar do gueto somente quem trabalhasse e possuísse carteira de trabalho. Contudo, era imprescindível que esses mesmos trabalhadores retornassem à noite. A área do novo bairro seria o subúrbio de Podgórze. No dia 20 de março daquele ano, dar-se-ia por encerrado o prazo de mudança para o gueto. Devido à situação calamitosa, os poloneses encontraram-se forçados a procurar urgentemente por habitações em outras áreas de Cracóvia.

Embora a imposição de um espaço isolado aparentasse ser um projeto viável a muitos judeus, em consequência dos problemas de perseguições, após a chegada das pessoas judias, tal ideia apresentara-se infundada. Isso ocorrera em razão da impossibilidade de uma vida em sociedade dentro de um local limitado em plena Segunda Guerra Mundial. Lins (1976, p: 75) observa que “[...] tanto pode o espaço ser uma época de repressão como o grau de civilização de uma determinada área geográfica”. Partindo dessa menção, constata-se que a comunidade judaica enfrentara todas as retaliações de antissemitas do governo nazista durante o período correspondente ao Terceiro Reich. Devido ao antissemitismo, após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, os indivíduos de origem judia foram alocados em locais geograficamente segregados do restante das populações das cidades. Sendo assim, o gueto tornara-se, simultaneamente, um espaço temporal e físico.

No mapa das coordenadas do gueto cracoviano, estava

estabelecido que “[...] o lado norte seria limitado pelo rio, a extremidade leste pela linha da estrada de ferro para Lwów, o lado sul pelos montes adiante de Rekawka, o oeste pela Praça Podgórze” (KENEALLY, 1995, p: 79). Embora o perímetro do bairro fosse restrito, a convivência dentro dele não se apresentava catastrófica. Keneally descreve que

[...] um gueto implicava esqualidez, dificuldade de moradia, compartilhar banheiros, disputas por espaço para cordas de secar roupa. Contudo, também fazia com que os judeus se dedicassem a sua especial característica: riqueza de erudição partilhada, canções e conversações em conjunto, em cafês com fartura de ideias, senão leite. Rumores tenebrosos emanavam dos guetos de Lodz e Varsóvia, mas o de Podgórze, conforme fora planejado, era mais favorecido em questão de espaço, pois, se fosse superposto um mapa do Centrum, ver-se-ia que ocupava uma área de cerca de metade do tamanho da Cidade Velha – espaço de modo algum suficiente, mas que não chegava a ser um estrangulamento (p: 80).

Percebe-se que o gueto onde se passa a história de *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995) mostra problemas espaciais e habitacionais do cotidiano de seus moradores. Porém, o convívio em um bairro claustrofóbico unia os judeus em razão de eles compartilharem suas tradições. Outra questão importante é a do espaço entre locais. Embora não esteja citado na passagem supramencionada, os bairros de Varsóvia e Lodz podiam ser maiores em extensão, mas também eram os que mais tinham dificuldades decorrentes da superlotação. O gueto de Podgórze não ocupava uma grande área. No entanto, era uma vantagem o fato de não haver habitantes em excesso.

Em relação aos dois maiores guetos poloneses, Kassow (2009) ressalta que, enquanto o bairro de Lodz era totalmente fechado e estava instalado em uma área de anexação do Reich alemão, o de Varsóvia situava-se na parte central da Polônia, que não estava anexada e



mantinha uma conexão mais estreita com o lado que não tinha sangue judeu.

A questão quanto à veracidade da imagem do gueto, o qual é representado como um local deveras claustrofóbico na literatura de Keneally (1995), pode ser esclarecida por meio da ótica de Badiou (2002) acerca das obras. De acordo com a perspectiva do autor de *Pequeno manual de inestética*,

[...] as obras compõem uma verdade na dimensão pós-acontecimento, que institui a imposição de uma configuração artística. Uma verdade é, finalmente, uma configuração artística, iniciada por um acontecimento (um acontecimento é em geral um grupo de obras, um múltiplo singular de obras), e arriscadamente exposta sob a forma de obras que são seus pontos-sujeitos (BADIOU, 2002, p: 24).

*A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995), assim como as obras em geral, funciona como uma denunciadora que detém um olhar particular a respeito do pós-acontecimento de fatos relacionados ao gueto. Então, por demonstrar uma imagem de sofrimento e privações dos residentes por meio de um viés literário, a narrativa assume uma característica permeada pela subjetividade.

Para reforçar e concluir a temática da subjetividade e realidade aliadas em uma obra, Badiou (2002, p: 25) expõe uma noção de “configuração artística”. Nesse conceito,

[...] uma configuração não é nem uma arte, nem um gênero, nem um período “objetivo” da história de uma arte, nem mesmo um dispositivo “técnico”. É uma sequência identificável, iniciada por um acontecimento, composta de um complexo virtualmente infinito de obras, que nos permite dizer que ela produz, na estrita imanência à arte que está em questão, uma verdade dessa arte, uma verdade-arte.

No livro, Keneally (1995) descreve que a mudança para Podgórze não provocara exacerbadas expressões de alegria; todavia, ao

arrumar as malas para rumar ao novo destino, a população judia sentia-se bem, pois vislumbrava uma possibilidade de não ser expulsa nem de suportar mais hostilidades. Até os judeus das aldeias de Wieliczka, Niepolomice, Murowana, Tyniec e Lipnica regressaram rapidamente a Cracóvia por temerem não poder ingressar no gueto após o dia 20 de março, e como consequência, ficarem presos ao ambiente agressivo das aldeias. Observando a difícil realidade do povo judeu, percebe-se que o bairro de segregação era praticamente considerado uma alternativa de habitação, ao invés de um local com um contingente exorbitante de moradores.

Em duas semanas, a comunidade judia de Cracóvia empurrara carrinhos de mão com seus pertences até o subúrbio de Podgórze. No fundo dos carrinhos, debaixo de colchões, frigideiras e chaleiras, estavam escondidos bens remanescentes e preciosos, como joias e casacos de pele. Após a chegada ao endereço, os habitantes depararam-se com uma placa na entrada escrito em hebraico “Cidade Judaica”, uma guarita branca para a sentinela e imensas cercas de arame farpado. A partir dessa impressão inicial do espaço, nota-se que, em consequência de ter a aparência de um perímetro fortemente vigiado e interceptado, o gueto não lembra um complexo de residências com o intuito de acomodar famílias.

Acerca da problemática espacial, em *A poética do espaço* (1998, p: 57), Bachelard assevera que “[...] na casa, tudo se diferencia, multiplica-se. [...] No mundo fora da casa, a neve apaga os passos, embaralha os caminhos, abafa os ruídos, mascara as cores”. Então, relacionando a passagem de Bachelard com a primeira visão do gueto, pode-se perceber um contraste entre o pessoal e o impessoal. No gueto, os valiosos bens trazidos pelas pessoas não eram somente propriedades de alto valor monetário, e sim, peças as quais denotavam os gostos particulares de seus proprietários. Contudo, o bairro segregador apresenta-se como um lugar sem personalidade. Ou seja: ele se assemelha a uma prisão, e não a uma comunidade normal a qual acolhe, protege e estabelece vínculos entre os cidadãos.

Na passagem citada anteriormente, a casa é ajustada como um ambiente onde o morador tem a possibilidade de colocar continuamente suas impressões pessoais dentro do recinto. Por isso, a casa possui diferentes e múltiplos aspectos de sua vida e é reconhecida como o lar

desse residente, e não como um mero espaço ocupado por alguém. Porém, o mundo fora da casa, o qual tem qualquer evidência vital apagada pela neve, torna-se apenas um lugar vazio. Logo, as posses valiosas e o recinto representam uma identidade pessoal, enquanto o gueto e a neve funcionam como metáforas para designar a perda de todas as características distintas.

Ao adentrar o espaço, os habitantes foram recebidos por um membro do Departamento de Habitação do *Judenrat* (Conselho Judeu). Sobre a distribuição de moradias, caso algum cidadão tivesse mulher e uma família grande,

[...] podiam-lhe ser concedidos dois cômodos e o uso da cozinha. Mesmo assim, após a boa vida das décadas de 20 e 30, era doloroso ter de partilhar sua vida privada com famílias de rituais diferentes, hábitos desagradáveis e odor de almíscar (KENEALLY, 1995, p: 84).

Na citação, esclarece-se que houve uma transformação drástica no padrão de vida do pessoal que ocupava o gueto. Enquanto nos anos 1920 e 1930, estes desfrutavam de uma confortável situação financeira, nos anos 1940, eram forçados a conviver com moradores de costumes divergentes e deselegantes. Ou seja: apesar de todos pertencerem à classe judaica, cada família vivia uma vida particular. Todavia, o bairro restrito transformara a existência e os hábitos de tais núcleos familiares em um “livro aberto”. O resultado de tamanha exposição involuntária fora a sensação de desconforto provocada entre os residentes.

Ainda que haja um conhecimento geral em relação aos incômodos ocasionados pelo gueto, a questão é que somente os moradores carregaram consigo a legitimidade das penúrias de habitar a “Cidade Judaica”. No livro *Rua de mão única* (2012, p: 13), Walter Benjamin discorre acerca da autenticidade da vivência espacial quando destaca que

[...] o interior burguês dos anos 1860 até 1890, com seus gigantescos aparadores transbordando de objetos entalhados, os cantos sem sol onde se ergue a palmeira, o balcão que a balastrada fortifica os longos corredores com a cantante chama de gás torna-se adequado como moradia unicamente para o cadáver. “Neste sofá, a

tia só pode ser assassinada”. A exuberância sem alma do mobiliário só se torna conforto para o cadáver.

A descrição de Benjamin (2012) é uma alusão à representação do espaço no gênero de romance policial. Na citação, apresenta-se o estilo de uma residência burguesa onde ocorrera um assassinato. Acerca da tia que teve a vida ceifada, é possível constatar que o sofá era um item por ela deveras apreciado, e não uma típica móvel. E, ironicamente, foi nesse móvel, tão confortável em sua utilidade e com provável valor sentimental, onde a tia fora executada.

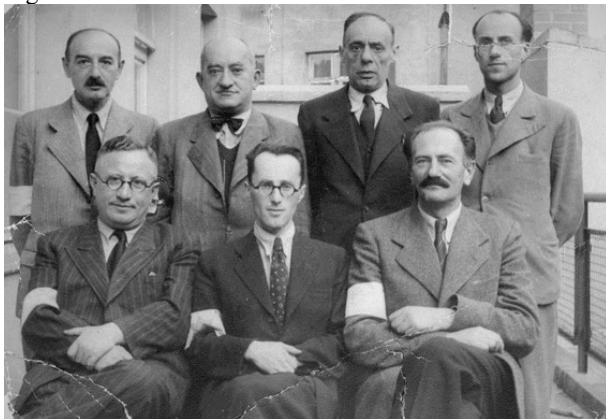
Em contrapartida ao recinto descrito no livro de Benjamin (2012), Bachelard (1998, p: 24) pondera que “[...] não se trata de descrever casas, de pormenorizar-lhes os aspectos pitorescos e de analisar as razões do seu conforto”. Mediante a observação do autor de *A poética do espaço*, nota-se algo relevante na narrativa de Keneally (1995): embora o gueto apresentasse uma série de conotações negativas, seu objetivo original era unicamente o de alojar as pessoas de origem judia. Contudo, torna-se impossível divagar sobre tal localidade sem evidenciar a agonia que o problema da superlotação gerava na população. Assim, compreende-se que a área limitada de Podgórze não era somente uma parte afastada onde residiam os judeus. Podgórze mostrara-se um lugar mal projetado (assim como os guetos em geral) para onde eles foram enviados após terem sido, literalmente, despejados da sociedade. E, devido ao descaso com o planejamento do bairro, os residentes eram obrigados a lidar com o excessivo contingente habitacional mencionado anteriormente.

#### 4.2 CORRUPÇÃO NO *JUDENRAT* E TRABALHO FORÇADO: UMA TRISTE REALIDADE

*Uns, pervertem-se por falta de comida.  
Outros, por falta de caráter.*

*Josemar Bosi*

Figura 13 – Conselheiros do *Judenrat* de Cracóvia.



Fonte: Yad Vashem Photo Archive (2017)<sup>3</sup>

Em Cracóvia, o Conselho Judeu era presidido por Arthur Rosenzweig. Os conselheiros do *Judenrat* enxergavam-se como provedores do bem-estar, da saúde e das rações alimentícias dos residentes do gueto. O conselho cracoviano era constituído por homens complacentes e instruídos, de certa forma. Entretanto, quando Rosenzweig, uma pessoa de genuíno caráter, fora exonerado da presidência, o caixeiro viajante David Gutter passou a assumir o cargo de presidente do conselho. Além de Gutter e sua nova formação de conselheiros realizarem desvios de rações alimentícias, eles não faziam questão de informar aos internos de Podgórze acerca da existência dos campos de trabalho. De um modo ingênuo, tanto o presidente quanto os

<sup>3</sup> A coleção de fotografias históricas do Yad Vashem, composta por mais de 400.000 fotografias, aproximadamente 500 álbuns e 11.000 coleções, é a maior coleção do mundo sobre o Holocausto. Além disso, existem mais de 130.000 fotografias de vítimas, que foram anexadas a Páginas de Testemunho. A coleção documenta uma variedade de áreas: a vida judaica antes e durante o Holocausto, as vidas dos sobreviventes na Europa depois da guerra, atividades de comemoração do Holocausto em todo o mundo, e assim por diante. As fotografias chegam aos arquivos de uma ampla variedade de fontes, incluindo: arquivos oficiais; coleções particulares; museus; coleções históricas, bem como armazéns e sótãos. Disponível em: <<http://www.yadvashem.org/archive/about/photos-movies.html>>.

conselheiros acreditavam piamente que não seriam enviados para tais campos.

Na obra de Keneally (1995), é importante observar que não há espaços das dependências do *Judenrat* e a área a qual ocupava. De forma semelhante, Lins (1976) discorre sobre a ausência descritiva do espaço em *As recordações do escritor Isaías Caminha*, de Lima Barreto. Por intermédio das palavras de Lins, constata-se que

[...] a pobreza de indicações sobre a casa familiar de Isaías Caminha e a imprecisão a respeito da cidade onde passa os primeiros anos de vida, ao contrário do que sucede com a passagem do Rio, exaustivamente equivocada, podem bem decorrer de um pressuposto técnico: deixar na sombra o que é passageiro e secundário no relato, iluminando a zona que domina o romance e na qual a personagem vai viver a parte mais significativa da sua experiência [...] (p: 92).

Em outras palavras, os detalhes sobre a residência e a cidade onde Caminha vivera na infância são esquálidos, pois o objetivo de *As recordações do escritor Isaías Caminha*, conforme Lins (1976), é explorar as experiências de mundo exterior vividas pelo escritor. Até o hotel onde o protagonista hospeda-se no Rio de Janeiro é ausente de exposições quanto ao espaço interno. Sabe-se apenas que o nome do hotel é Jenikalé e que este está localizado na Praça da República. Assim como no romance citado anteriormente, em *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995), o foco de investigação são as realizações administrativas do *Judenrat* no bairro fechado de Cracóvia, e não os aspetos espaciais internos de sua instituição e de seu perímetro de ocupação.

Juntamente com o Conselho Judeu, organizações independentes eram responsáveis pela assistência social em alguns guetos. De acordo com Kassow (2009), o *Aleynhif* (Organização Judia de Auxílio Mútuo) de Varsóvia era uma organização que procurava ser autônoma para não ser controlada pelo *Judenrat*. O *Aleynhif* conseguira manter sua autonomia devido a Adam Czerniakow, diretor do bairro da capital polonesa

[...] ter menos vontade – ou poder de impor o tipo de controle fortemente centralizado que caracterizava a política de Chaim Rumkowski, o “Ancião” do Gueto de Lodz, ou de Jacob Jens, dirigente do Gueto de Vilna (KASSOW, 2009, p: 125).

Figura 14 – Adam Czerniakow.



Fonte: Holocaust Education & Archive Research Team (2013).

Em sua função, Czerniakow fora uma figura dúbia. Por um lado, ele se esforçava para resolver as crises financeiras do conselho, e até suportava o ultraje de aguardar durante horas os funcionários alemães de baixa patente para discutir os assuntos do *Judenrat*; por outro, Czerniakow também cometera injustiças, como a condescendência com a corrupção da polícia judaica, a imposição de uma política tributária desvantajosa para os judeus pobres e a expedição destes para os campos de trabalho forçado, enquanto os mais ricos foram isentados de tais fatalidades. Provavelmente, muitos guetos possuíam líderes de caráter duvidoso. Um exemplo é Rumkowski, o “Ancião” do bairro de Lodz, o qual, segundo Abraham (1992), além de cuidar da parte administrativa, mantinha ao seu lado uma polícia de índole suspeita.

Em meio à aura de desonestidade que circundava a difícil realidade da população judaica, em *A lista de Schindler: um herói do*

*Holocausto* (KENEALLY, 1995), verifica-se que, quando a SS tomara o controle dos guetos de Hans Frank, o governador geral da Polônia, o *Oberführer* (patente entre coronel e general de brigada. Não há uma função definida na SS para tal posto) Julian Scherner tornara-se a autoridade máxima acerca das questões dos judeus na área isolada de Cracóvia. Com o poder em mãos, a SS organizara a política do gueto. A Seção Política era comandada por Symche Spira, um ex-vidraceiro e personalidade de maior influência na *Ordnungsdienst*. Unidos por uma falta de escrúpulos latente, Spira e homens comuns, como Szymon Spitz, Marcel Zellinger, Ignacy Diamond (policiais da *Ordnungsdienst*) e David Gutter, deram princípio a uma série de extorsões e escreveram listas para a SS, nas quais constavam os nomes de moradores que eram considerados indesejáveis ou subversivos em Podgórze.

Sobre o jogo de corrupção existente tanto no *Judenrat* quanto na *OD*, é possível corroborar que tais instituições tinham como objetivo o auxílio e a proteção da comunidade judia. Contudo, a sensação de poder seduzira demasiadamente os líderes do conselho e os membros da polícia, e em consequência do poderio (e também da ilusão de serem intocáveis por aliarem-se à SS), esses homens de frágil índole agiram covardemente contra seus semelhantes judeus.

No ensaio *Degradação do espaço (Estudo sobre a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em L'assomir)* (1972), Antonio Candido emprega a obra *L'assomir*, de Émile Zola, para exemplificar um ambiente onde, assim como no gueto, a ruína espacial e moral estavam presentes. Em seu ensaio, Candido vem a reforçar esse vestígio de decadência quando faz o seguinte comentário:

Gervaise, dourada e solar, era lavadeira do rio da cidade natal, Plassans, mas nós a conhecemos já inserida no uso urbano e quase industrializado da água. Uma espécie de naiáde presa nas malhas da civilização urbana, suspensa entre *mundus* e *immundus*. Pobre mediadora, fará um esforço para se agarrar ao primeiro termo, a sua profissão simbólica de limpar, no meio da sujeira física e moral do subúrbio operário. Mas acabará largando a profissão, o trabalho, para cair na perdição dos ambientes que a princípio evitou. [...]



poder-se-ia dizer que o seu destino constitui em passar de um líquido a outro, isto é, da água para o álcool, e assim, do trabalho para a vadiagem, da virtude para o vício, da vida para a morte, [...] (p: 15).

Desse modo, a lavadeira é uma figura comparativa aos corruptos de origem judia. Assim como Gervaise abandonara seu ofício de lavar roupas (que é uma metáfora para designar uma pessoa de bom caráter, que ao limpar a sujeira corpórea das vestimentas, limpa também, mesmo que momentaneamente, as almas arruinadas dos proprietários dessas roupas, pois os trajes funcionam como as confissões de inúmeras existências impregnadas de exageros e vícios) para se entregar aos prazeres terrenos e efêmeros propiciados por lugares de perdição, os poderosos homens do Conselho Judeu e da Força Policial Judaica (os quais deveriam ser os pilares de altruísmo, integridade e justiça de sua comunidade) permitiram-se corromper pelos benefícios de altas posições.

Retornando a discorrer unicamente sobre o *Judenrat*, percebe-se que tal organização não “cuidava” somente da administração e distribuição de alimentos. De acordo com Kassow (2009), o conselho estava encarregado de fornecer as cotas necessárias de judeus para a realização de labuta forçada. Após a instalação desses bairros de isolamento, o *Judenrat* tornara-se responsável pelo saneamento básico, saúde, polícia e serviço postal, deveres estes que, anteriormente, eram da prefeitura varsoviana. Como consequência da insuficiência de funcionários qualificados na instituição, seus membros, logo, depararam-se com diversas oportunidades de obter lucros pessoais.

Em relação à labuta forçada, constata-se que muitas pessoas judias foram apanhadas arbitrariamente nas ruas, onde eram intimadas a cumprir alguma tarefa desgastante. Conforme Keneally (1995, p: 79), esse fora o caso da família de Juda Dresner, um negociante de tecidos por atacado. Dentro de uma sucessão de provações, o desafortunado homem

[...] perdera o seu negócio para a Agência de Crédito, seu carro, seu apartamento. Sua conta bancária fora congelada. As escolas de seus filhos haviam sido fechadas, ou eles tinham sido expulsos de

outras. As joias da família, assim como o rádio, haviam sido confiscados. Ele e sua família estavam proibidos de penetrar no centro de Cracóvia, assim como viajar de trem. Podiam apenas usar bondes segregados. Sua mulher e filhos eram intermitentemente arrebataados para retirar a neve das ruas e outras tarefas compulsórias. Nunca sabia quando seria forçado a entrar em um caminhão, se a ausência seria curta ou longa, ou que espécie de loucos armados estariam supervisionando o trabalho que o obrigariam a executar.

Edith Liebgold, uma moça de 23 anos e mãe de um bebê, teve um destino oposto ao dos familiares do negociante de tecidos. Segundo a narrativa, “[...] no segundo dia de sua vida no gueto, por uma questão de 20 segundos, ela deixou de ser posta dentro de um caminhão da SS para ir trabalhar com uma pá, removendo carvão ou neve da cidade” (KENEALLY, 1995, p: 84). Para evitar o risco de ser colocada em um caminhão, com a possibilidade de não retornar ao gueto, a jovem mãe encaminhou-se ao Departamento de Trabalhos do Conselho Judeu. Com a sorte ao seu lado, Edith conseguiu um emprego com boas condições na fábrica de produtos esmaltados de Schindler. As funções trabalhistas na indústria do empresário alemão serão explicitadas no capítulo final, “Vida e morte do gueto como espaço”, mais especificamente na subseção “A fábrica de Schindler”.

De acordo com Kassow (2009), para impedir o recolhimento sem precedentes de judeus nas ruas, o Conselho Judeu começou a negociar com os alemães uma determinada quantia de trabalhadores para os arredores de Varsóvia, e a partir de 1940, para outras áreas da Polônia. Os piores campos de trabalho foram os que possuíam rios, pois os cidadãos de origem judaica eram obrigados a permanecer por um período de até 12 horas dentro da água gélida, a qual batia na altura do peito. Esses lugares, juntamente com os campos voltados à construção de estradas, não possuíam distribuição de roupas adequadas para a execução das tarefas. Diversos internos que labutaram nessas insalubres imediações adoeceram; por isso, foram enviados para seus recintos. Pelos campos de trabalho não serem ambientes concentracionários, o

retorno dessas pessoas para o gueto fora possível. Porém, o índice de mortalidade atingira números catastróficos. Somente na primavera de 1941, falecera uma estimativa de 250 judeus.

#### 4.3 *ORDNUNGSDIENST*: POLÍCIA “A SERVIÇO” DA COMUNIDADE JUDIA

*O caráter de um homem faz o seu destino.  
Demócrito de Abdera*

Em março de 1941, a *Ordnungsdienst* fora fundada. Teoricamente, essa polícia tinha o intuito de resguardar os cidadãos judeus que adentravam o perímetro de Podgórze. No entanto, com o avançar dos meses, qualquer membro da *OD* transformava-se em um potencial suspeito, pois em tal corporação existiam colaboradores que repassavam informações à *SS*. Embora houvesse a possibilidade de uma considerável parcela da força policial ser colaboracionista pelo motivo de proteger a si própria e, simultaneamente, a sua família, os elementos – os quais se permitiam corromper pelo poder – desfrutavam dos privilégios propiciados pelos seus cargos na Força Policial Judaica.

Em *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995), constata-se que, se a *OD* possuía algum integrante com traços de duplicidade, este atendia pelo nome de Leopold “Poldek” Pfefferberg. Esse homem, quando não estava a serviço da corporação, estava realizando contrabando para dentro e fora do gueto. Contudo, ao surgirem boatos sobre a *Geheime Staatspolizei* (Polícia Secreta do Estado), mais conhecida como *Gestapo*, obrigar a *Ordnungsdienst* a jurar fidelidade a Hitler, Pfefferberg estava deveras desesperado para se desvincular da polícia, devido a isso significar que ele seria obrigado a escrever listas delatando os moradores tidos como inconvenientes em Podgórze. Por não desejar escrever tais listas, o ex-professor de educação física fora instruído por Alexander Biberstein, o benevolente médico do *Judenrat*, a fingir perfeitamente os sintomas de dores nas costas, na esperança de obter o pedido de baixa na força policial. Como atuara impecavelmente, Poldek conseguira enganar a rigorosa inspeção de um médico da *Gestapo*. Após o exame, ele alegara enfermidade e recebera a estimada isenção de prestação de serviços à *Ordnungsdienst*.

Pfefferberg não somente alcançara seu objetivo como também contrariara a declaração do soberbo chefe de polícia Spira, onde proferia que a única forma de sair da *OD* era “na horizontal”.

Assim como Poldek envolvera-se em uma instituição contornada por uma aura decadente, em *Espaço e romance* (1994), Antonio Dimas utiliza o conto de Aníbal Machado, *Viagem aos seios de Duília*, para representar a submersão do funcionário público recém-aposentado José Maria em um ambiente que se torna deplorável pela pobreza aterradora. Na obra, após muitos anos, o protagonista retorna à cidade mineira de Pouso Triste, a fim de reencontrar Duília, seu amor de adolescência. De acordo o autor, o regresso do ex-funcionário público revela os aspectos de total precariedade de sua cidade natal, tais como

[...] a lama no caminho da chegada; a escuridão dos urubus deslocados que não voam, mas se arrastam pelo chão; as carteiras escolares desconjuntadas; o cinza sujo dos casebres em torno da escola; o cheiro forte da lavagem dos porcos que se mistura com o das goiabas maduras; a escuridão que se tenta espantar com um simples lampião fumacento de querosene, aceso por uma mulher também escura, não são senão reforço constitutivo para os cabelos grisalhos, os dentes cariados, a voz rouca e o colo murcho de Duília (DIMAS, 1994, p: 68).

É perceptível que tanto Poldek quanto José Maria eram bem intencionados quando entraram em seus “infernos particulares”. O ex-professor do secundário aceitara trabalhar na força policial para estabelecer certo grau de obediência das pessoas, e isso fazia com que os opressores nazistas ficassem mais desatentos às atividades contrabandistas que, devido à situação de penúria do gueto, ajudavam na sobrevivência dos habitantes. Sobre o protagonista do conto de Machado, observa-se que este tinha o intuito de rever Duília, pois estava envolvido pela possibilidade onírica de resgatar o tempo perdido com aquela por quem se apaixonara no prelúdio da juventude. Pfefferberg conseguira se libertar da sordidez da *Ordnungsdienst*; contudo, o funcionário aposentado encontrara apenas desilusão ao avistar Pouso Triste e sua paixão de adolescência deterioradas pela passagem dos

anos. Posteriormente, ele termina por desvanecer na noite. Então, pode-se afirmar que houve um contraste entre emergir e imergir: enquanto Poldek saía de uma instituição abjeta pelo caráter escuso, José Maria adentrara a escuridão noturna de uma cidade degradada pela miséria.

A ausência de escrúpulos da Força Policial Judaica estendia-se ao quesito suborno. Conforme Kassow (2009), em 8 de abril de 1941, os policiais aglomeraram indivíduos para conduzi-los aos campos labutários. Quem possuía cinquenta *zlotys* (*zloty* é o nome da moeda polonesa) para subornar a polícia, conseguia retornar ao lar. Entretanto, quem não dispunha dessa quantia, era encaminhado à estação ferroviária localizada na outra margem do rio Vístula, e seguidamente, enviado à região de Kampinos, situada a oeste de Varsóvia, para realizar o trabalho de normatização do rio. Além do episódio do suborno mencionado anteriormente, a força policial exigia o pagamento de propina dos comitês de casas (conhecidas organizações sociais no gueto) para isentar as pessoas convocadas para os insalubres campos. Quando um dirigente das comissões da rua Leszno 2 bradara essa verdade em relação à propina em uma reunião da Comissão Central dos Comitês de Casas com o *Judenrat*, os ditos “homens da lei” agarraram-lhe. Porém, foram obrigados a libertá-lo devido à ameaça de rebelião entre as pessoas presentes naquela ocasião.

No livro de Keneally (1995), nota-se que o poder de uma posição na *OD* provocava uma sensação de superioridade sem precedentes. Especialmente para Symche, pois este ocupava o mais alto cargo na corporação: o de chefe de polícia. No início de 1942, o vaidoso chefe da *Ordnungsdienst* contratara Pfefferberg como professor dos seus filhos, uma menina de 14 anos e um menino de 12. O ex-vidraceiro assistia aos ensinamentos de Poldek ansiando que o intelecto afluísse das duas crianças, as quais embora fossem gentis, não eram dotadas de muita inteligência. Enquanto vistoriava as aulas em um espaço adornado com pinturas em duas dimensões de rabinos do século XIX, Spira mantinha a mão dentro do bolso do casaco em razão de acreditar que tal postura era uma particularidade de homens influentes.

A partir do sutil detalhe das pinturas as quais enfeitavam as paredes daquela espécie de sala do conhecimento, é observável que no requisito de arte, o local apresentava uma determinada imponência e impressão de ambiente luxuoso. Pelo chefe de polícia enxergar-se como

um indivíduo supremo, era natural que se sentisse colossal em um lugar onde remetesse a essa sensação, mesmo que o espaço fosse a sala de estudos dos filhos. Em *A poética do espaço*, Bachelard (1998, p: 145) constata que

[...] todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa.

Dessa forma, é perceptível que Symche não apenas se imaginava como uma figura napoleônica como acreditava ser uma. Então, através da declaração de Bachelard, torna-se possível corroborar que, enquanto o portador da patente mais importante da *OD* estava na sala de estudos, sua mente reservava-se a um mundo próprio de poder e grandiosidade.

Todavia, a soberba não salvaria as vidas dos policiais de Cracóvia nem a de seu líder de uma morte por fuzilamento no natal de 1943. Nove meses após a elucidação do gueto, a *SS* optara por exterminar todos os membros da força policial juntamente com seus familiares.

Acabaram fuzilando os mais fiéis (Spira e Zellinger), bem como os mais resistentes. Spira e a tímida Sra. Spira e os obtusos filhos do casal, a quem Pfefferberg tão pacientemente dera aulas – tinham sido todos colocados nus dentro de um círculo de fuzis, encostados uns contra os outros, tremendo de frio. [...] E até o último instante, Spira continuara afirmando a todos que aquilo não ia acontecer (KENEALLY, 1995, p: 243).

Até Gutter, o derradeiro presidente do *Judenrat* cracoviano, e seus parentes sofreram com as agruras do fuzilamento. Apesar de ter mantido fidelidade à *SS*, aceitado as exigências dos oficiais nazistas e nunca oferecer resistência às veleidades destes, Gutter e seu clã vieram a ser mortos por um oficial alcoolizado atendido pelo nome de Franz Bosch. Dado o exposto, mediante as tragédias supramencionadas, é esclarecido na narrativa de *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995) que a convivência e a submissão ao regime nazista não garantiam plenamente a sobrevivência dos cidadãos judeus.

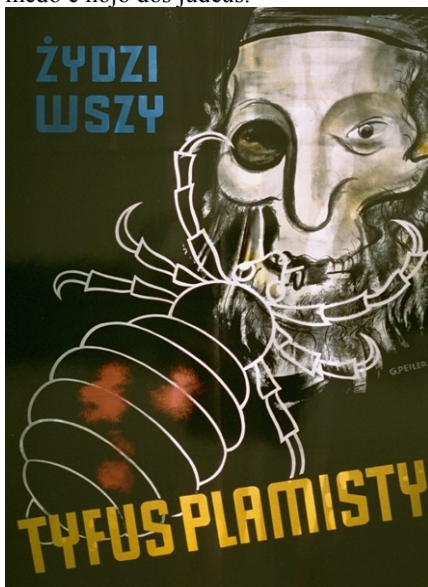
#### 4.4 HIGIENE E ALIMENTAÇÃO PRECÁRIAS

*Não temos nada guardado,  
Vivemos num porão mofado,  
Não pedimos açúcar nem gordura,  
Só um pouco de sal e pão duro.*

*Verso de uma cantiga de rua  
criada por crianças famélicas.*

No gueto de Cracóvia, a precariedade em relação à higiene alcançava níveis alarmantes. Embora seja raramente mencionado o fator da alimentação diminuta em *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995), a carência alimentícia fora outro fator angustiante que assolava os guetos da Polônia no auge da Segunda Guerra Mundial. O descaso do regime nazista para com os direitos mais básicos tornava o cotidiano dos habitantes difícil, pois viver em bairros onde o saneamento básico e o fornecimento de comida eram completamente desproporcionais à superlotação implicava sobreviver na medida do possível e do humanamente suportável.

Figura 15 - Pôster antisemita divulgado na Polônia em março de 1941. A legenda diz: “Os judeus são como piolhos; eles causam tifo”. Este pôster, publicado na Alemanha, tinha por objetivo levar os poloneses cristãos a terem medo e nojo dos judeus.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

Keneally (1995) ressalta que a condição de insalubridade higiênica do gueto não permanecera restrita somente ao seu perímetro. Mediante o veículo publicitário alemão, a imagem do bairro como um reduto infestado de doenças e piolhos espalhara-se por Cracóvia. Em um muro, havia um cartaz com o seguinte *slogan* de caráter depreciativo: “JUDEUS – PIOLHOS – TIFO”. Além do cartaz com o *slogan* sensacionalista, havia estabelecimentos comerciais que exibiam os anúncios do Ministério de Propaganda, os quais eram repletos de publicidade negativa e repulsiva acerca das pessoas de origem judaica. “Em fachadas de armazéns, viam-se desenhos de judeus colocando ratos picados dentro de tortas, aguando o leite, recheando pastéis com piolhos, amassando a farinha do pão com pés imundos” (KENEALLY, 1995, p: 92). Assim, partindo de tal citação, nota-se que a forma como as pessoas judias eram retratadas nessas propagandas era realmente grotesca e



ultrapassava os limites da fantasia. Kassow (2009) assevera que nas ruas da capital polonesa também foram colocados cartazes com a mensagem “JUDEUS – PIOLHOS – TIFO”. Juntamente com os dizeres, aparecia no anúncio um judeu com um imenso piolho andando pela sua barba.

No ano de 1941, o professor Ludwik Hirszfeld expedira um memorando para as autoridades sanitárias alemãs, informando que a real origem do tifo era o fato de a política alemã forçar os internos do local segregado a viver em um ambiente de lotação excessiva e escasso de higiene. Como medida combativa do tifo, foram criadas as desinfecções, ou as *parówki*. Os métodos de desinfecção consistiam em todos os habitantes tomarem um banho especial e entregarem suas roupas de cama e consideráveis utensílios domésticos para serem “desinfectados”. As *parówki* eram compostas de poloneses e judeus aproveitadores. Caso um comitê de casa não dispusesse de dinheiro para pagar o suborno, todos os habitantes precisariam ser conduzidos a uma casa de banho

[...] onde ficariam nus e seriam obrigados a fazer três filas: primeiro para entrar no chuveiro, depois, molhados e tremendo de frio, para receber um “certificado” de despiohamento; por fim, para apanhar as roupas amarfanhadas e estragadas na “câmara de desinfecção” (KASSOW, 2009, p: 169).

Contudo, para a obtenção de tal certificado, os cidadãos tinham seus cabelos rudemente cortados com uma máquina elétrica.

Entre as residências dos internos, a equipe de “desinfectadores” distribuía-se rapidamente. Tanto os judeus quanto os poloneses uniam-se para obter o máximo de dinheiro de suborno possível. Se os cidadãos possuíssem propina, os homens das *parówki* simplesmente partiam. Caso contrário, eles empacotavam tranquilamente travesseiros, lençóis, roupas, sapatos e atiravam os itens saqueados para o lado de fora dos recintos. Seguidamente, alguns objetos eram arremessados indiscriminadamente em uma fogueira, e o restante era disposto em uma enorme pilha destinada a uma câmara desinfetadora. Enquanto os parques bens dos moradores permaneciam expostos à neve e ao vento, restava-lhes apenas olhar aterrados para a triste cena. O prejuízo ocasionado pelas desinfecções transformava a vida no gueto em uma situação tão insustentável que, conforme o tempo passava, os internos

vendiam seus pertences domésticos com o intuito de conseguir dinheiro para comprar comida.

Durante uma visita à área restrita de Cracóvia, Schindler reparara que o contingente habitacional era maior do que havia suposto. Cada cômodo era dividido entre duas famílias, exceto quando alguém tinha um amigo no Conselho Judeu. No ar, o cheiro de encanamento entupido fazia-se perceber, e nos pátios, as mulheres protegiam-se do tifo esfregando fortemente e fervendo suas roupas. Refletindo sobre tal acontecimento, é notável que Keneally (1995) exhibe o gueto como um espaço tomado por uma realidade de miséria.

Acerca da reconstituição espacial, Benjamin faz um alerta para a armadilha da romantização da literatura, utilizando a cidade de Paris como exemplo. Para corroborar sua ideia, o autor esclarece que

[...] se o espectro literário da cidade for desdobrado pela inteligência lapidada e prismática, então, quanto mais nos aproximamos da periferia, a partir do centro, tanto mais estranhos parecerão os livros. Acerca desta cidade existe um conhecimento ultravioleta e um infravermelho que não deixam mais impressionar na forma do livro: foto e mapa das ruas – o conhecimento mais preciso do detalhe e do todo (BENJAMIN, 2012, p: 200).

Essa sensação diferenciada ocorre devido à capital francesa receber um relato romantizado nas obras. Pode-se notar que seu conceito espacial romântico gera uma impressão deslumbrante, bem distinta da realidade. O livro pode transmitir uma ideia de beleza e perfeição. Porém, a fotografia e o mapa fornecem uma noção objetiva sobre o real estado dos lugares. Ou seja: existe um forte contraste entre a descrição de Paris citada por Benjamin (2012) e a narrativa do autor do livro no qual esta pesquisa é embasada. Enquanto a imagem da cidade francesa é distorcida pelo romantismo literário, o gueto cracoviano recebe uma reconstituição baseada em seu espaço físico claustrofóbico e na existência de sofrimento e desilusão que seus residentes eram obrigados a tolerar.

Em relação à alimentação limitada no perímetro de Podgórze, é visível que as informações disponibilizadas no livro *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995) são quase

nulas. Há somente dois dados sobre a temática da fome na narrativa: um deles é o cancelamento, a partir de 20 de março, dos salários de funcionários da fábrica de Oskar, sendo que após esse dia, os trabalhadores passaram a depender única e exclusivamente de suas rações alimentícias para sobreviver, pois os pagamentos deles foram destinados aos chefes de polícia da SS. O outro dado sobre o assunto é o desvio de rações feito pelo *Judenrat* e a *Schutzstaffel*, conforme fora mencionado na subseção “Corrupção no *Judenrat* e trabalho forçado: uma triste realidade”.

Dentro de um local onde havia um espaço superlotado, falta de higiene e parca distribuição de comida, é considerável que o sentimento dos habitantes era o de total desamparo. Até no quesito alimentação, algo tão fundamental para a sobrevivência dos seres vivos, a população era explorada mediante apropriação indevida de rações mencionada anteriormente. A partir de uma impressão de desânimo que, em todos os aspectos, o gueto provocava em seus residentes, é esclarecido em *Fenomenologia da percepção* que

[...] toda sensação é espacial, nós aderimos a essa tese não porque a qualidade enquanto objeto só pode ser pensada no espaço, mas porque, enquanto contato primordial com o ser, enquanto retomada pelo sujeito que sente, de uma forma de existência indicada pelo sensível, enquanto coexistência entre aquele que sente e o sensível, ela própria é constitutiva de um meio de experiência, quer dizer, de um espaço (MERLEAU-PONTY, 1999, p: 298).

Sendo assim, a estreita proximidade entre sujeito, percepção e espaço impulsiona o desdobramento deste último em espaço físico e humano, compreendidos enquanto manifestação fenomenológica, visto que são constatados pelos órgãos do sentido. Por isso, o espaço jamais pode ser alçado à categoria de objeto dado, estando assentado, sobretudo, na faticidade humana.

Segundo Kassow (2009), na área isolada de Varsóvia, a ocorrência de inanição fora descrita em um ensaio por Rachel Auerbach no arquivo *Oyneg Shabes* (documento onde era registrada a vida da

comunidade judaica durante a ocupação alemã, o qual fora organizado pelo historiador Emanuel Ringelblum), a pedido de Elyahu Gutkowski, o cossecreário do arquivo. Em meados de 1941, entre as diversas mazelas enfrentadas pela população, Auerbach optara por discorrer sobre a alimentação em razão de esta ser gerente de um refeitório público localizado na rua Leszno 40. Para garantir uma vaga no estabelecimento, era imprescindível

[...] obter um certificado do comitê de casa; levar o certificado ao *Aleynhilf* para pegar um comprovante; levar o comprovante para se registrar no refeitório público; pegar um tíquete que autorizava a receber a refeição grátis (p: 177).

Embora a deportação dos judeus para os campos de concentração tenha impossibilitado Auerbach de finalizar o ensaio, ela, assim como outros membros do *Oyneg Shabes*, esforçara-se para que os cidadãos fossem representados como os indivíduos que haviam sido, e não como apenas gélidas estatísticas de mortalidade. Ainda que o estabelecimento não funcionasse como uma solução para a problemática da fome, e sim como um método paliativo para combatê-la, em seus escritos, a gerente de refeitório conseguira representar o pessoal do gueto como seres humanos e membros de uma sociedade. Ela perscrutara a “história social” da inanição, e o local de refeições gratuitas fora um pequeno mundo onde se podia encontrar relações humanas. Cada família possuía suas particularidades, identidade e história, e Auerbach captara perfeitamente os aspectos ou costumes que as fizeram tão notáveis.

## 5 RESIDENTES DO GUETO: UM LUGAR/QUATRO HISTÓRIAS

### 5.1 PFEFFERBERG: O CONTRABANDISTA

*Toda a sorte para nossos contrabandistas, tomara  
que o único alemão que encontrem seja cego.*

*Verso de Moes (Dinheiro), uma canção  
popular no gueto de Varsóvia.*

Figura 16 - Emilie e Oskar Schindler.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

Em 1940, antes de o gueto de Cracóvia existir, Poldek intercambiava ilegalmente artigos para Schindler. Um dia, o ex-professor trouxera um tapete originário do mercado negro para a decoração do apartamento do industrial. Nessa ocasião, Pfefferberg fora recebido pela mulher de Oskar, Emilie, a qual estava no recinto em decorrência de uma visita ao marido em Cracóvia. No entanto, quem deveria estar na residência era Ingrid, a amante alemã do industrial. Por não saber como era a fisionomia da cônjuge do empresário, ao se deparar com esta, o contrabandista perguntara pela senhora Schindler (forma como se referia a Ingrid, pois considerava esse tratamento mais educado). Quando Emilie confirmara ser a tal senhora, Poldek sentira-se constrangido. Contudo, como tinha conhecimento da infidelidade do

homem com quem era casada, a moça compreendera o mal-estar do sujeito o qual se encontrava diante dela. Por ser uma pessoa discreta, ela não tecera nenhum comentário sobre o ocorrido.

Figura 17 - Pfefferberg atuando como policial na OD.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

No final do ano de 1940, mais especificamente na época de natal, o contrabandista vendera para Oskar duas joias e um cãozinho *poodle*, todos oriundos do mercado negro. A cônjuge e a consorte alemã foram presenteadas com as joias, enquanto que o cão fora destinado a Viktoria Klonowska, a secretária da fábrica de esmaltados e amante polonesa do industrial. No episódio do apartamento, é constatável que o enfoque não é o tapete nem as descrições espaciais da moradia. O ponto em questão é a circunstância de a residência servir como local para o encontro inesperado de Pfefferberg e Emilie.

Em seu livro, Lins (1976, p: 92) demonstra o quão é importante “[...] observar em que proporção os demais sentidos interferem. Quaisquer que sejam seus limites, um lugar tende a adquirir em nosso espírito mais corpo na medida em que evoca sensações”. Na passagem mencionada, percebe-se que a moradia fora brevemente tomada pelo

sentimento de embaraço do contrabandista. Considera-se que, de ambas as partes, o constrangimento revelara mais do que qualquer palavra. Possivelmente, Poldek compadecera-se do fato de a legítima senhora Schindler sofrer traições conjugais. Em relação à esposa, é provável que ela tenha compreendido o desconforto do ex-professor justamente como uma atitude de compadecimento.

Conforme fora esclarecido na subseção “*Ordnungsdienst*: polícia “a serviço” da comunidade judia”, pertencente ao capítulo anterior, Pfefferberg prestava serviços à *Ordnungsdienst* e exercia o “ofício” de contrabandista, simultaneamente. O ex-professor de educação física realizava transações de diversos tipos de mercadorias ilegais, desde peles e artigos de couro até moeda corrente. Com a permissão do *Wachtmeister* (sargento) Oswald Bosko, Poldek conseguia adentrar o gueto com matérias-primas, as quais seriam convertidas em ferragens, roupas e vinho. Posteriormente, os produtos resultantes seriam vendidos em Cracóvia. Por se tornar completamente contrário ao regime nazista, o sargento Bosko não somente admitia a atividade clandestina como não exigia suborno da parte de Poldek.

Sobre o contrabando, de acordo com Kassow (2009), assim que todos os estoques de alimentos e de outras importações e exportações passaram a ser controlados pelos alemães, a atividade contrabandista iniciar-se-ia no perímetro varsoviano. A partir de então, a população judaica percebera que, se quisesse sobreviver, precisaria transgredir o conceito de legalidade. Desse instante em diante, mais de 80% da comida consumida no bairro de Varsóvia seria originária da atividade ilícita. Sendo assim, pode-se observar que a transgressão da lei fora benéfica, pois

[...] graças ao contrabando maciço, o gueto conseguiu se manter. Além de comida, o contrabando também trazia grandes quantidades de matérias-primas para empresas clandestinas do gueto, que depois exportavam seus produtos para lojas do lado ariano. Essas exportações – a economia clandestina – forneciam emprego a muitos milhares de judeus e pagavam uma parte dos alimentos contrabandeados (KASSOW, 2009, p: 143).

A necessidade de não sucumbir perante as insalubres condições da área de Podgórze, indubitavelmente, fora o principal fator que levara muitos residentes a traficarem artigos e alimentos. Dentro de um bairro soterrado pelas mazelas da lotação excessiva, ausência de saneamento básico e inanição, era natural que fosse despertado o instinto de sobrevivência de uma substancial parcela de habitantes, pois o desejo dessas pessoas de resistir às misérias ocasionadas pelo Terceiro Reich era mais forte do que o medo de infringir a lei. A necessidade que diversos indivíduos tinham em burlar o regime, provavelmente, provinha da esperança de que um dia a guerra findasse. E, nesse dia, aqueles que se utilizaram do contrabando, caso escapassem com vida, renasceriam das cinzas de uma época tirânica com a sensação de terem cumprido com êxito a missão de resguardar suas existências. Ou seja: possivelmente, esses cidadãos acreditavam que qualquer fatalidade é efêmera.

Acerca do quesito momento, em *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty (1999, p: 106) constata que

cada momento do tempo dá-se por testemunhos todos dos outros, ele mostra, sobrevivendo, “tudo aquilo devia passar” e “como aquilo terá acabado”, cada presente funda definitivamente um ponto do tempo que solicita o reconhecimento de todos os outros [...].

Nota-se que o instante torna-se útil para esclarecer a razão dos acontecimentos, a conclusão destes e o fato de eventos passados interferirem no período presente. Em relação às atividades contrabandistas e a seus adeptos, mediante o conceito de Merleau-Ponty, é observável a realização de tal prática como consequência de situações anteriores, como a ascensão de Hitler ao poder e o avanço do governo nazista sobre a Polônia. A possibilidade do final do III Reich, mesmo que marcasse o fechamento de um ciclo trágico, faria com que os indivíduos sobreviventes carregassem marcas físicas e emocionais no tempo presente.

Em *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995), ressalta-se que, sempre antes de sair do bairro, Pfefferberg retirava a braçadeira que o identificava como judeu e, seguidamente, circulava pela cidade com uma mala repleta de roupas, moeda corrente e



joias. Esse homem efetuava a função nada convencional de contrabandista em consequência de enxergar o quão sofrível era a existência dos indivíduos que viviam isolados em uma área restrita. Ainda que não seja mencionado como e quem Poldek auxiliava por meio de negócios ilegais, torna-se compreensível que este tinha a intenção de ajudar seus semelhantes judeus. Percebe-se que, se ele unicamente visasse a obtenção das vantagens financeiras de uma atividade contrária à lei, teria permanecido na polícia judaica, ao invés de arriscar a própria vida na clandestinidade do contrabando. Infringindo o regime de Hitler, Pfefferberg melhorara, na medida de suas possibilidades, o cotidiano de muitos moradores do gueto.

Em *A literatura e o direito à morte (A parte do fogo)*, a questão da transformação é discutida por Maurice Blanchot. Ao discutir sobre tal temática, o autor utiliza como exemplo o projeto do aquecimento, ressaltando que

[...] enquanto esse projeto for um desejo, posso girá-lo sob todas as faces, ele não me aquecerá. Mas eis que fabrico uma estufa: a estufa transforma em verdade o real vazio que era o meu desejo; ela afirma no mundo a presença de algo que não estava ali, e o afirma negando o que antes ali se encontrava; antes, eu tinha diante de mim pedras, metal; agora, não há mais pedras nem metal, mas o resultado desses elementos transformados [...] (1997, p: 302).

Diante das palavras do autor, é considerável que a hipótese do aquecimento é uma ideia, enquanto a construção de uma estufa com pedras e metal é a concretização de um objeto com a finalidade de produzir calor. Então, seguindo o pensamento de Blanchot (1997), nota-se que Poldek desejava fazer algo para propiciar um pouco de conforto aos residentes do miserável e claustrofóbico bairro fechado. Ao intercambiar mercadorias ilicitamente, seu anseio deixava de permanecer no projeto para ser convertido em um trabalho o qual tornava a sobrevivência em Podgórze mais suportável.

## 5.2 GENIA: A MENININHA DE VERMELHO

*Ninguém guarda um segredo  
melhor que uma criança.*

*Victor Hugo*

Ao entardecer de um determinado dia, Genia regressara a Cracóvia, onde fora acolhida pela senhora Pani Dresner. A menina fora trazida ao gueto por um casal de poloneses que cuidara da criança enquanto esta estivera escondida em uma região campestre. Os cônjuges de boa índole tinham apreço pela encantadora garota de três anos, e estavam constrangidos por necessitarem trazê-la de volta à cidade. Todavia, como as autoridades estavam oferecendo uma recompensa de até quinhentos *zlotys* por cada pessoa judia denunciada, essa medida protetiva mostrara-se necessária. Devido à situação extrema, nem os vizinhos eram confiáveis, pois “havia zonas em que os camponeses saíam à caça de judeus com foices e ancinhos” (KENEALLY, 1995, p: 102).

Como as regiões rurais já não proporcionavam mais segurança, os pais de Genia pretendiam entrar às escondidas em Cracóvia durante o verão. Em janeiro de 1942, mediante uma lista de Spira entregue à *Schutzstaffel*, os dois foram guiados em fileiras destinadas à estação de Prokocim. No trajeto, os genitores da graciosa garotinha ouviram uma multidão bradar ferozmente “Adeusinho, judeus!”. Surpreendentemente, ambos conseguiram se desviar da fila, passando-se, assim, por cidadãos poloneses. Eles até gritaram um pouco junto com a agitada população para não haver o risco de serem observados pelas pessoas ali presentes. Seguidamente, distanciaram-se do tumulto e fugiram para o campo. No entanto, quando os implacáveis acozamentos alastraram-se pelas áreas rurais, os pais de Genia passaram a enxergar Cracóvia como uma opção mais favorável para sobreviverem.

Para abordar a questão da perseguição nos povoados, Kassow (2009, p: 336) apresenta o dramático episódio da invasão do vilarejo de Okuniew em 26 de março de 1942. No incidente, o autor ressalta que

[...] após semanas de boatos sobre uma iminente expulsão de judeus, de chofre, apareceram policiais alemães que

mandaram todos os judeus se reunirem na praça da vila. Os policiais, com o auxílio de poloneses locais, tomaram os bens dos judeus. Então, os judeus foram retirados do povoado, as mulheres e crianças, em carroças e os homens, a pé. Os judeus homens tinham vestido várias camadas de roupas, e estavam carregados de embrulhos pesados, na esperança de ter alguma coisa para vender no futuro, em troca de comida. Mas a polícia montada começou a chicotear os homens, obrigando-os a correr. Empapados de suor, os judeus soltavam os pacotes e tentavam manter o ritmo da corrida. Os policiais atiravam em todos os que ficavam para trás.

O destino dos sobreviventes da invasão é desconhecido. Provavelmente, eles foram expedidos para campos de trabalho ou de concentração. A única certeza é a de que a fatalidade de Okuniew fora mais uma entre as diversas incursões alemãs as quais exterminaram a existência judaica em inúmeros vilarejos.

Na tentativa de evitar que a garotinha sofresse com o acoassamento dos policiais alemães nos povoados, os cônjuges poloneses levaram-na para o gueto cracoviano. Através de uma negociação (o tipo de negociação não está esclarecido no livro. Possivelmente, o negócio era um suborno) entre a Polícia Azul Polonesa e o casal, Genia passara-se por filha destes, conseguindo assim, adentrar em Podgórze. Após receber a garota, Pani teve duas percepções: uma delas era a adoração da menina pela cor vermelha, devido a esta estar usando um casaco, um par de botinhas e um gorro dessa cor. A outra percepção era de que, em razão de ser muito cuidadosa com o que dizia, a criança guardava algum segredo. Todo esse zelo tornara-se explícito quando Danka, a filha de praticamente 14 anos da senhora Dresner, comentara que conhecera Eva, a mãe de Genia. No mesmo instante, a menininha respondera que o nome de sua mãe era Jasha; em seguida, mencionara os nomes de seus fictícios parentes polacos. De um modo impressionante, ela decorou os nomes de sua pseudofamília. A menininha aprendera o artifício da memorização com o casal que lhe abrigara no campo, para o caso de a

Polícia Azul Polonesa ou a SS vir a interrogá-la.

Na narrativa de *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995), expõe-se que em pleno jantar, aparecera Idek Schindel, o tio de Genia e médico do hospital da rua Wegierska. Ele era primo de primeiro grau de Pani e de segundo grau de Danka. Ao reparar seu tio tratando-as por primas, a criancinha sentira-se segura, pois constatara que, se elas eram familiares de Idek, eram suas familiares também. Sendo assim, ela se sentira livre para admitir que tinha uma mãe chamada Eva. Ao descobrir o parentesco entre Idek e as Dresners, Genia pudera se libertar da responsabilidade de sustentar a mentira acerca de sua origem. Como concluía que estava ao lado de pessoas com quem compartilhava laços de sangue, e não com completos estranhos, a menininha de vermelho, provavelmente, sentira que estava em uma casa a qual lhe remetia um espaço familiar, apesar de morar com o tio em uma casa na rua Krakusa.

Destacando a função da residência, Merleau-Ponty explica que a estreita proximidade entre sujeito, percepção e espaço promove o desdobramento deste último em espaço físico e humano. Arrematando seu pensamento, o filósofo declara que o espaço

[...] não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. [...] Portanto, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como o ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retorno o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra, e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte, passo do espaço espacializado ao espaço espacializante. No primeiro caso, meu corpo e as coisas, suas relações concretas segundo o alto e o baixo, a direita e a esquerda, o próximo e o distante podem aparecer-me como uma multiplicidade irreduzível; no segundo caso, descubro uma capacidade única e indivisível de traçar o espaço (1999, p: 328).

Partindo do conceito exposto, torna-se visível que a garotinha não prestara atenção nos aspectos espaciais óbvios e limitados da moradia, como seu tamanho ou os móveis presentes nela. Pelo contrário: ela se ateve unicamente ao instante onde seu tio chamara as habitantes do recinto de primas. Após esse momento, observa-se que o fato de pertencer a uma unidade familiar fizera aflorar o sentimento de segurança na criancinha.

Em um dia de junho de 1942, durante um passeio a cavalo, Schindler e Ingrid, do alto de uma colina, assistiram a uma *Aktion* (ação) de expulsão massiva de indivíduos judeus do gueto. Na rua Wegierska, os policiais da SS ordenavam que os cidadãos organizassem-se em duas colunas: uma de homens e outra de mulheres e crianças. Na rua Krakusa, em uma fileira constituída por mulheres e crianças, a presença de um pequeno ser trajando a cor vermelha despertara a atenção de Schindler. Nessa fila, a aparição escarlata, ou simplesmente Genia, fora recolocada algumas vezes na fila por um civil. Contudo, esse homem fazia isso de forma fraternal, e não com violência. Ao testemunhar a cena, o industrial não conseguira compreender o gesto de humanidade do policial, uma vez que a piedade era algo inexistente em uma *Aktion*. Um exemplo da crueldade da ação de expulsão fora o assassinato a sangue frio de uma moça e um menino, onde um civil acertara ambos com um tiro no pescoço.

Durante o expediente no hospital, Idek fora repentinamente surpreendido por uma mulher bradando que todas as crianças, inclusive Genia, estavam sendo retiradas do gueto. Quando recebera a notícia, o médico ficara em estado de pavor, visto que, embora tivesse deixado a sobrinha sob os cuidados de uma vizinha, tornara-se claro que a menina desaparecera das vistas desta. E, de fato, a garota de três anos havia fugido somente para retornar à residência onde vivia com o tio. Todavia, no meio do caminho, policiais da SS encontraram-na e colocaram-na em uma coluna.

Para refletir acerca do anseio de Genia de regressar a sua casa, no livro *História e narração em W. Benjamin* (1994), Jeanne Marie Gagnebin utiliza a obra de Benjamin intitulada *Infância berlinense* para descrever um labirinto o qual serve como uma metáfora para designar as relações temporais e existenciais de um sujeito. Na metáforização, é descrito que “[...] no limiar do labirinto, a criança não manifesta medo;

pelo contrário, o desejo de exploração predomina como se soubesse, confusamente, que só poderá se reencontrar se ousar se perder” (p: 103). Então, segundo o que se constata na citação de Gagnebin, possivelmente Genia, embora vivesse em tempos de guerra e tivesse sua existência diariamente impregnada pelas agruras de uma época tão sofrível, não se amedrontara ao sair à procura do lugar que considerava ser sua moradia, ainda que isso implicasse perder-se ao longo do trajeto, ou pior: ser apanhada pela SS.

Logo após se dirigir para a *Plac Zgody* (Praça da Paz), Idek reparara na sobrinha sentada no gramado, rodeada de guardas. Ao ser visto pela menininha, o médico quis dizer para Genia não lhe chamar. Contudo, ele manteve o silêncio para não atrair a atenção dos civis. A criança não manifestara indício algum de tê-lo identificado, pois sabia que, caso clamasse pelo tio, tanto ela quanto Idek seriam descobertos pela SS, e isso complicaria em demasia a situação dos dois. Segidamente, de forma impressionante, a garotinha conseguira se retirar da Praça da Paz sem ser percebida. Por desejar manter a sobrinha longe dos olhares da polícia, o médico controlara o impulso de segui-la, regressando, assim, ao hospital onde trabalhava. Nesse momento, o tio somente ansiava que Genia encontrasse um bom esconderijo. Ao retornar para o recinto, devido a uma botinha vermelha estar em evidência debaixo da cama, ele se deparara com sua sobrinha escondida. Em outro local, mais precisamente na fábrica de produtos esmaltados, estava Schindler. Embora não estivesse na colina para assistir ao instante no qual Genia fugira da Praça da Paz, o empresário ficara incrédulo com a presença do pequeno ser de escarlate na fatídica expulsão. Como testemunhara a *Aktion*, ainda que indiretamente, o industrial decidira que não mediria esforços para neutralizar o regime nazista.

### 5.3 DANKA E PANI DRESNER: A MENINA DA PAREDE E A MULHER DA ESCADA

*Os esconderijos são inumeráveis, a salvação apenas uma,  
mas as possibilidades de salvação, por sua vez,  
são tantas quanto os esconderijos.*

*Franz Kafka*

Danka, filha de Pani e prima de Genia, trabalhava como faxineira na base da Força Aérea Alemã. Apesar de a pré-adolescente possuir uma ocupação que lhe garantia a carteira de trabalho, a *Aktion* de outubro ordenava que todas as mulheres com menos de 15 ou mais de 30 anos poderiam ser deportadas para um determinado campo de concentração.

Tendo consciência do risco que corriam, a senhora Dresner saíra às pressas da rua Lwowska, levando a filha até a rua Dabrowski, para o apartamento de uma vizinha que possuía um quarto com uma parede falsa. A vizinha, uma mulher com um pouco mais de 30 anos, era funcionária em um rancho da *Gestapo*. Talvez, por ser funcionária de uma propriedade da *Gestapo*, a moça não sofreria com a penúria da ação de expulsão. Contudo, seus pais idosos não estavam a salvo do despejo, ou na pior das hipóteses, da morte. Então, pensando em seus genitores, a funcionária de tal rancho construíra em um quarto de seu recinto uma parede falsa onde estava escondida uma cavidade de 60 cm. Essa cavidade, feita com tijolos contrabandeados, era o esconderijo dos pais idosos.

Como a mulher conversara diversas vezes com Pani sobre o abrigo, e até oferecera guarida a esta e a Danka, caso houvesse uma ação de despejo, a senhora Dresner e a menina deslocaram-se rapidamente para a residência da funcionária do rancho da *Gestapo*. Após a chegada de ambas, a vizinha disse que poderia esconder somente a garota, alegando que seria deveras perigoso amparar as duas. Mesmo a mãe da pré-adolescente esclarecendo que caberia no esconderijo e que não tinha para onde ir, a mulher manteve-se firme na decisão de não abrigá-la. Sendo assim, a senhora Dresner cessara de argumentar e pedira para a filha entrar na cavidade ocultada pela pseudoparede. Sem questionar o pedido materno, ela adentrara o espaço de 60 centímetros, deparando-se assim, com os genitores da vizinha.

No âmbito da temática espacial, de acordo com Lins (1976, p. 72) “[...] deve-se ter presente, no estudo do espaço, que o seu *horizonte*, no texto, quase nunca se reduz ao denotado”. Pode-se compreender que esse *horizonte* mencionado na obra de Lins, acerca do drama da menina da parede, representa as impressões extrafísicas de Danka sobre o esconderijo, como a sensação maternal transmitida pelo odor das roupas da mulher idosa que estava ao seu lado e o sentimento de segurança por

estar resguardada em um local secreto. Entretanto, as agradáveis impressões da garota transformaram-se em culpa, devido ao fato de esta estar protegida no esconderijo, enquanto sua mãe corria o risco de ser capturada pela SS. Dessa forma, torna-se visível que a menina não apenas compartilhava um espaço físico com um casal de idade avançada como vivenciara, simultaneamente, o conforto da proteção e o peso da culpa nesse lugar metricamente limitado. Diante de tal circunstância, ela necessitava ocultar as sensações dentro de si, pois se revelasse o que se passava no próprio íntimo, sua voz poderia ser ouvida por algum policial que viesse a revistar a moradia da moça a qual estava lhe abrigando.

No instante em que se retirava do recinto da vizinha, a senhora Dresner fora encontrada, na entrada, por um jovem integrante da OD. Quando se entreolharam, os dois se reconheceram, pois o sujeito era um amigo de Janek, o filho mais velho de Pani. No entanto, pelo rapaz pertencer à polícia judaica, ela não tinha certeza se sua vida seria preservada. Em tempos angustiantes como os da II Guerra Mundial, adívinda da mãe de Danka e Janek em relação à compaixão do membro da *Ordnungsdienst* era absolutamente fundada.

Aprofundado-se a respeito da ausência de humanidade nos policiais judaicos, Kassow (2009) apresenta a história de Shie Perle, um homem que, entre os meses de agosto e outubro de 1942, escrevera um ensaio acerca da Grande Deportação, a pedido do *Oyneg Shabes*. No ensaio denominado *Kurbm Varshen* (A destruição de Varsóvia), Perle relata uma eventualidade onde um policial judeu efetuara a prisão de quatro pessoas. Como necessitava prender cinco para encerrar as atividades do dia, o sujeito apanhara um menino indefeso em uma habitação desertada. Imediatamente, trouxe a criança para um soldado da SS. Todavia, o soldado atirara covardemente no pequeno desafortunado e disse que os cidadãos nos quais ele atirava não preenchiam a cota. Posteriormente, ordenara que o integrante da polícia judaica entregasse-lhe uma quinta “cabeça”. De forma subserviente, o indivíduo atendera a ordem e entregara a quinta e derradeira “cabeça” do dia ao seu mandante. Partindo da trágica circunstância, concebe-se a ideia de que se um elemento da OD de Varsóvia não teve piedade de levar uma criança inocente para a morte, apenas por mero cumprimento de tarefa, o mais provável seria a senhora Dresner ter o mesmo destino do menininho indefeso, não importando se ela era genitora do amigo do



rapaz da *OD* de Cracóvia.

Surpreendentemente, contrariando o ofício de policial, o jovem instruíra Pani a esconder-se debaixo da escada. Ainda que seguisse a instrução, a preocupada mãe notara que poderia facilmente ser descoberta, em consequência de a luz solar vinda do pátio deixá-la à vista. Caso a *SS* realizasse uma vistoria no pátio ou no apartamento localizado no final do corredor, ela seria percebida. Enquanto aguardava a conclusão da ação de despejo, a senhora Dresner escutara o rapaz reportar aos civis alemães que o andar térreo estava vazio, e os civis acreditaram na palavra do jovem. Durante a revista, um casal que habitava o segundo andar fora retirado da própria moradia. Quando o marido acometido pela bronquite expressara o desejo de levar algumas roupas, o policial respondera friamente que no lugar para onde eles iriam, o qual certamente seria um campo de concentração, tudo seria fornecido. Repentinamente, os barulhos cessaram, dando-se, assim, por finalizada a inspeção. Embora as atividades de expulsão do dia tivessem terminado, Pani sabia que haveria outras, pois “o que em junho parecia ser um horror supremo, em outubro já se tornara um processo de rotina” (KENEALLY, 1995, p: 137).

Após subir as escadas para buscar a filha, a vizinha explicara-lhe novamente que abrigara somente a garota por questão de cautela, e que tomaria a mesma atitude, caso houvesse uma nova *Aktion*. Por saber que Danka poderia, futuramente, necessitar de guarida, sua genitora não discutira, apenas agradecera. Como consequência da dramática experiência da *Aktion*, Pani refletira que a melhor solução para tentar sobreviver seria a prestação de serviços para a Inspetoria de Armamentos ou qualquer outro setor empregativo relacionado à guerra. Sobre a guerra, em *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (1994), Benjamin (p: 196), assevera que “ela regulamenta o tráfego de fuzis [...]”. Na tentativa de resguardar a própria existência, Pani aceitaria labutar até no setor bélico, o qual era o responsável pela execução de milhares de judeus.

#### 5.4 WULKAN: O JOALHEIRO

*O cofre pode tanto guardar joias*

*como verdades envergonhadas*

*Carlos Drummond de Andrade*

No final de 1942, Mordecai Wulkan, um joalheiro por profissão, recebera a visita de um policial da Força Policial Judaica. O profissional de joias era um antigo conhecido da polícia. No ano anterior, fora preso por um membro da *OD* após ser flagrado vendendo dinheiro em espécie no mercado negro. O policial que visitara Wulkan comunicara que a *SS* exigia os serviços de quatro joalheiros. Os profissionais selecionados, Friedner, Grüner, Herzog e Wulkan, foram prontamente guiados até um armazém do Escritório Central de Administração e Economia da *SS*.

Ao entrar no armazém, o quarteto fora avisado por um oficial da *SS* de que, se informasse a alguém a razão de estar ali, seria expedido para um campo de trabalho forçado. O oficial também ressaltara que cada um deveria trazer seu próprio estojo de classificação de diamantes e seu instrumento para avaliação do quilate do ouro. Posteriormente, Keneally (1995, p: 144) descreve que

[...] os quatro joalheiros foram conduzidos para um porão. Ao redor, nas paredes, havia prateleiras repletas de malas e pilhas enormes de pastas, cada qual com um nome cuidadosa e futilmente marcado pelo seu ex-dono. Debaixo das janelas altas, alinhavam-se caixotes de madeira. Quando os quatro joalheiros agacharam-se no chão, dois homens da *SS* apanharam uma mala, carregaram-na com dificuldade até o meio do porão e a esvaziaram aos pés de Herzog. Depois, foram buscar outra na prateleira e despejaram o conteúdo diante de Grüner. Trouxeram uma cascata de ouro para Friedner, e depois, para Wulkan. Era ouro velho – anéis, broches, braceletes, berloques, *lorgnettes*, piteiras. Os joalheiros teriam que classificar o ouro, separar os folheados dos maciços. Diamantes e pérolas seriam avaliados. Eles deveriam classificar tudo, de acordo com o

valor, o peso e o quilate, em montes separados.

Figura 18 - Alianças de casamento confiscadas de prisioneiros em Auschwitz.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

Figura 19 - Dentes de ouro retirados e recolhidos de prisioneiros em Auschwitz.



Fonte: The United States Holocaust Memorial Museum (2017).

A imponente variedade de joias era composta por bens confiscados de judeus, bens estes que viriam a ser depositados no *Reichsbank* (Banco Central da Alemanha), mais precisamente na conta

bancária do *SS Reichsführer* (comandante militar da *SS*) Henrich Himmler. Enquanto examinavam as peças, os profissionais repararam uma abundância de anéis infantis. Para prosseguir com o trabalho, os quatro necessitaram segurar as emoções para não pensar nas crianças a quem pertenciam os pequenos acessórios. Contudo, no instante em que os policiais da *SS* abriram uma mala com um dente sujo de sangue em seu interior, o quarteto sentira-se brevemente aturdido. Dentro da impressão inicial dos prestadores de serviços, observa-se que os quatro não viam a pilha de peças como ela obviamente era, ou seja: uma infinidade de objetos preciosos de alto valor monetário. Na obra *Sentido e percepção* (1993), é corroborado por J.L. Austin que “a coisa também pode ser vista de *maneiras diferentes, vista diferentemente*” (p: 134). Mediante a menção de Austin, torna-se visível o fato de que, além de a pilha de joias demonstrar o ato de saqueamento de bens cometido pelos nazistas, ela revela o compadecimento dos trabalhadores pelos respectivos proprietários dos anezinhos infantis e do dente de ouro. Se tais vítimas não tiveram suas vidas ceifadas, foram deportadas para um campo de trabalho ou de concentração.

Durante um período de seis semanas, os profissionais classificaram todas as joias. Após o término do trabalho, todos foram guiados até uma garagem que era utilizada como depósito de prataria. Havia no local vários objetos, como candelabros, coroas, anéis, berloques e bandejas de Páscoa. Os joalheiros realizaram a separação e a pesagem da prata maciça e da folheada. Como um oficial da *SS* criticara a dificuldade de acondicionar alguns itens, Mordecai recomendara fundi-los; todavia, por alguma causa desconhecida, o oficial recusara a orientação. O profissional de joias dera a ideia do fundimento por pensar que, de certa forma, seria melhor se o Reich adquirisse a prata originária de bens judaicos.

Partindo do pensamento de Wulkan, é provável que ele acreditasse na possibilidade de que a prataria fundida nos adornos das propriedades do Reich, ao longo da história do mundo, pudesse “contar” os infortúnios enfrentados pelas pessoas judias, desde a total exclusão e a marginalização social até a apreensão de seus valiosos pertences e a sucessão de sofrimentos. Sendo assim, a preciosa prataria poderia trazer para a posterioridade a memória de uma difícil e trágica época, pois “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na

esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes ou depois” (BENJAMIN, 1994, p: 37).

De acordo com Keneally (1995), ao concluir o trabalho de avaliador de todos aqueles valiosos itens, Mordecai percebera-se novamente desempregado. Frequentemente, ele necessitava se retirar do gueto para conseguir comida para sua família, especialmente para sua filha acometida pela bronquite. Por algum tempo, ele prestara serviços a uma fundição localizada no distrito de Kazimierz, onde conhecera o *Oberscharführer* (suboficial) Gola, um integrante da SS, o qual possuía um temperamento não tão severo. O suboficial encontrara-lhe um ofício como encarregado da manutenção de um rancho da *Sturmabteilung* (Tropa de Assalto). No instante em que adentrara o lugar, Wulkan lera a seguinte frase em uma placa acima da porta: “*FÜR JUDEN UND HUNDE EINTRITT VERBOTEN*” (Entrada proibida a judeus e cães). A sentença, juntamente com os 100 mil dentes avaliados durante as seis semanas nas quais estivera no depósito de joias, demonstraram que nem o suboficial salvar-lhe-ia a vida. Esse pensamento tomara a mente do novo funcionário do rancho em decorrência de Gola beber no local e não reparar na placa depreciativa. Portanto, no íntimo, Mordecai acreditava que ser mais uma entre as milhares de vítimas do Holocausto estava em seu destino.



## 6 VIDA E MORTE DO GUETO COMO ESPAÇO

### 6.1 A FÁBRICA DE SCHINDLER

*Um negócio que só produz nada além  
de dinheiro é um negócio pobre.*

*Henry Ford*

A *Deutsche Emailwarenfabrik* (Fábrica Alemã de Utensílios Esmaltados), antes de ser adquirida em novembro de 1939 por Schindler e receber este nome, era a Rekord, uma companhia de produtos esmaltados que declarara falência. Oskar optara por comprar a empresa localizada na rua Lipowa somente após conhecer Itzhak Stern, o qual seria o contador da DEF, conforme fora esclarecido na subseção “Mudança obrigatória: problema habitacional e quebra de privacidade”, do capítulo “Bem-vindo” ao gueto de Cracóvia: pode entrar. Mas não pode sair!”. A pedido de Schindler, o profissional de contabilidade analisara o balancete da companhia. Ainda que esta estivesse falida por problemas administrativos, Stern concluiu que a Rekord poderia ser uma aquisição viável. O potencial econômico de tal negócio apresentar-se-ia através da possibilidade do fechamento de contratos entre a futura fábrica de Oskar e a Inspetoria de Armamentos, a qual era responsável pela escolha dos fornecedores de mercadorias esmaltadas para o Exército Alemão.

Keneally (1995, p: 63) esclarece que, após tomar posse do negócio falido, o empresário alemão encontrava-se necessitado de capital financeiro, pois “[...] a Rekord tinha sido parcialmente despojada de material de fabricação, exceto por uma pequena galeria de prensas, depósitos de esmalte, tornos mecânicos e fornos”. Quem auxiliara Oskar na procura por capital fora Abraham Bankier, o gerente do escritório da Rekord, e seguidamente, gerente da DEF. Em Cracóvia, alguns contatos de Bankier, em troca de certa quantia de artigos, dispuseram-se a realizar investimentos no espaço renomeado de *Deutsche Emailwarenfabrik*. As transações consistiam em investimentos de cinquenta *zlotys* por determinados quilos de caçarolas e painéis.

Acerca dos negociantes de origem judia, devido a um decreto datado de 23 de novembro de 1939, as contas bancárias e os depósitos

de todos os judeus ficariam sob os “cuidados” da administração alemã. Com a lei, esses desafortunados indivíduos não poderiam tocar no próprio dinheiro nem possuir juros. Sendo assim, seria impossível os negociantes judaicos injetarem capital na indústria de esmaltados. Todavia, alguns desses investidores tinham mais experiência no mundo dos negócios e guardavam reservas secretas de dinheiro em espécie. Apesar da segurança que as referidas somas monetárias proporcionavam, os investidores judeus conheciam os riscos que envolviam a utilização de dinheiro em pleno III Reich. Então, eles utilizavam bens como ouro, mercadorias, móveis e diamantes, pois consideravam mais seguro.

Em relação à participação judaica no campo empresarial polonês, Kassow (2009) destaca a posição do historiador Imanuel Ringelblum quanto ao assunto. O autor de *Quem escreverá nossa história?* descreve que o historiador mostrara-se indignado ao resenhar o livro *História dos operários industriais da Polônia*, do padre Aleksander Wóycicki, em razão de este ser indiferente à importância dos empresários judeus para a construção de grande parte da indústria polonesa. Wóycicki também ignorara o fato de operários de origem judia procurarem até os empregos mais modestos para poderem sustentar suas famílias. No livro, o padre optara por escrever sobre a exploração labutaria que o povo judaico fazia com os poloneses. Enfurecido com as falsas palavras do padre, Ringelblum comprovava, através de documentos, que os judeus suplicavam por empregos nas minas de carvão da Silésia, mas que eram rejeitados em decorrência do antissemitismo. Assim, a resenha do historiador, a qual está em um artigo denominado *Um novo livro com velhas mentiras*, de 1929, prova duas questões: uma delas é a capacidade que o preconceito antissemita de Wóycicki tinha de distorcer sua percepção, fazendo-o chegar ao ponto de escrever uma sucessão de inverdades; a outra questão é a existência do repúdio à comunidade judia na Polônia antes mesmo da ascensão de Hitler ao poder.

No início de 1940, a Fábrica Alemã de Utensílios Esmaltados contava com 45 funcionários polacos encarregados da simplória produção de objetos de cozinha. Após fechar contratos com a Inspetoria de Armamentos, Schindler conseguira autorização para expandir sua empresa. Com a expansão, o empresário começara a fornecer objetos tanto para os militares alemães quanto para o mercado negro. Na metade



do verão do mesmo ano, a fábrica possuía 250 empregados. Entretanto, o quadro de trabalhadores aumentaria demasiadamente, devido a, em certas situações, Stern pedir a Oskar que contratasse algum jovem indivíduo de origem judaica. Dentro de poucos meses, a *DEF* contabilizava 180 funcionários judeus. É importante observar que, embora Schindler tivesse salvado muitos judeus no final da guerra, no início dela, o industrial os contratava apenas com a intenção de utilizar trabalho escravo para obter lucros em sua empresa. Ainda que a intenção do proprietário da *DEF* não fosse de natureza humanitária, a indústria de esmaltados viria a ser um espaço onde as vítimas do antissemitismo estariam seguras das perseguições dos nazistas. Na Segunda Guerra Mundial, qualquer empregado que disponibilizasse mão de obra para as fábricas as quais produziam mercadorias para os militares teria a vida preservada.

No livro *O corpo utópico, as heterotopias* (2013), Foucault discorre acerca de espaços os quais se definem na qualidade de contraespaços. Para esclarecer o contraespaço, o autor utiliza como exemplo as crianças e a cama dos pais destas. Foucault assevera que “[...] é nessa grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois, essa grande cama é também o céu, pois se pode saltar sobre as molas; é a floresta, pois se pode nela se esconder [...]” (p: 20). Segundo as palavras do autor, nota-se que esses contraespaços são locais criados na imaginação infantil. Partindo de tal utopia, um simples leito torna-se a representação de um mundo a ser explorado e experimentado. O oceano, o céu e a floresta são alguns dos espaços que possibilitam o contato com o mundo, ainda que este, na realidade, seja o leito parental. Assim como uma cama possui potencial imaginário em *O corpo utópico e as heterotopias*, em *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995), a Fábrica Alemã de Esmaltados ia além da tarefa de produzir utensílios de cozinha; afinal, quando contratava empregados de origem judaica, ela funcionava como um refúgio que resguardava o bem mais precioso em tempos de guerra: a vida humana.

De acordo com a subseção intitulada “Corrupção no *Judenrat* e trabalho forçado: uma triste realidade”, Edith Liebgold estava entre as pessoas que conseguiram um trabalho na *Deutsche Emailwarenfabrik*. Em março de 1941, a jovem mãe e um determinado grupo de moças

encontraram Bankier no Departamento de Empregos do gueto, e este lhes avisara sobre a empresa de Oskar estar necessitando de dez mulheres com boa saúde para o período noturno. Edith, o gerente e o grupo rumaram para a *DEF* escoltados por um integrante da *OD*, em razão de a fábrica estar localizada fora do gueto. Na chegada, Liebgold e as outras moças foram guiadas por Bankier até o escritório de Schindler. Ao entrar, além de o proprietário da Fábrica Alemã de Utensílios Esmaltados desejar boas-vindas às novas funcionárias, afirmara de forma convicta que, trabalhando em seu negócio, elas sobreviveriam à guerra. Seguidamente, o industrial retirara-se do escritório. Após essa afirmativa, simultaneamente insana e divina, as moças foram informadas sobre a função a ser desempenhada, que consistia em levar os recipientes banhados em esmalte até os fornos. Enquanto todas se apresentaram alegremente surpresas, Liebgold teve dúvidas acerca das palavras de Schindler, em consequência de seu porte elegante remeter a um hedonista e não a um empresário. Todavia, ainda que não sentisse firmeza na previsão a longo prazo do chefe, ao menos, por aquele momento, estar empregada na *DEF* proporcionaria a segurança que tanto ela quanto os outros trabalhadores judeus necessitavam e ansiavam.

## 6.2 A *APOTHEKE* E A CASA DE PANKIEWICZ

*Os amigos verdadeiros são aqueles que  
vêm compartilhar a nossa felicidade quando os  
chamamos, e a nossa desgraça sem serem chamados.*

*Demétrio de Faleros*

A *Apotheke* (farmácia) de Tadeus Pankiewicz localizava-se na esquina da *Plac Zgody*. Mediante a licença das autoridades e as solicitações dos médicos das clínicas do gueto, o farmacêutico vivia no andar de cima de seu estabelecimento. Este era o único indivíduo polaco que tinha permissão para permanecer dentro das dependências do bairro. Na moradia de Tadeus, amigos como o compositor Mordiche Gebirtig, o filósofo Leon Steinberg, o filósofo e cientista Dr. Rappaport e o artista impressionista polonês Abraham Neumann eram visitas costumeiras.

Além de acolher as amizades, a residência do farmacêutico funcionava como um local de trocas de mensagens e informações entre os seguintes grupos de ativistas contra o regime nazista: a *Żydowska Organizacja Bojowa* (Organização Judaica de Combate) e os combatentes do Exército do Povo Polonês. Em algumas ocasiões, Dolek Liebeskind e o casal Gusta e Shimon Dranger, líderes da *ŻOB* de Cracóvia, estiveram sutilmente em sua casa, pois não desejavam que as aparições da organização viessem a colocar Pankiewicz sob os olhares das autoridades.

A *Apotheke* e o recinto de Tadeus possuíam a função de atender aos cidadãos e receber amigos e ativistas, respectivamente. Observa-se que ambos os lugares não apresentam uma descrição espacial. Entretanto, Keneally (1995) apresenta a informação de existir ânforas com remédios e diversas gavetinhas na farmácia, e são esses pequenos detalhes os quais fornecem um conhecimento da parte interna do estabelecimento. Na questão da descrição espacial minimalista, em *Lima Barreto e o espaço romanesco*, é utilizada a obra *Oscarina*, de Marques Rebelo, para representar a escassez de objetos na sala da casa do casal Jerome e Dona Veva. Da mesma forma que a *Apotheke* possui poucos itens, o cômodo do casal tem somente um cabide de bambu japonês como objeto de maior destaque. Em relação ao negócio de Pankiewicz, pode-se perceber que as ânforas e gavetinhas fazem com que tal espaço seja reconhecido como uma farmácia. Contudo, a apresentação de uma sala adornada por um solitário cabide “[...] cumpre a finalidade de apoiar as figuras e mesmo de as definir socialmente de maneira indireta [...]” (LINS, 1976, p: 70), pois um lugar desprovido de móveis ou adornos demonstra que os personagens do livro de Marques Rebelo pertencem a uma classe social humilde.

Em junho de 1942, durante a primeira *Aktion* do gueto, Tadeus testemunhara as dramáticas expulsões na *Plac Zgody*. Conforme Keneally (1995), os habitantes que ofereciam resistência ou eram flagrados portando um determinado documento ariano, eram fuzilados. Alguns indivíduos, por estarrecimento ou anseio de protegerem suas vidas, quase não perceberam a abundância de cadáveres resultante da violenta ação de despejo. Após o massacre, os corpos das pessoas mortas foram atirados nas carrocerias dos caminhões. Tadeus sentira-se tão horrorizado e aturdido com os ruídos e a brutalidade das execuções

efetuadas pelos soldados rasos da SS que não reparara que seus amigos, Neumann e Gebirtig, estavam entre os cadáveres. Mesmo em estado de choque, o farmacêutico atendera aos médicos, os quais pediram bandagens para colocar nas vítimas feridas. Porém, um destes profissionais solicitara vomitórios, devido a uma estimativa de 12 pessoas terem ficado asfíxiadas ou sonolentas após uma tentativa desesperada de suicídio por ingestão de cianureto. Ainda que tivesse passado pela difícil experiência de presenciar a primeira *Aktion* do bairro de Cracóvia, é notável que Pankiewicz abstraíra-se de qualquer sentimento de perplexidade para atender adequadamente aos médicos que prestavam socorro aos sobreviventes da barbárie ocorrida na Praça da Paz, um lugar o qual se assemelhava, de forma tragicamente irônica, a uma praça de guerra.

### 6.3 O HOSPITAL DE CONVALESCENÇA DA *PLAC ZGODY*: A ESCOLHA DE DOUTOR H.

*Somos indivíduos livres, e nossa liberdade nos  
condena a tomarmos decisões durante toda a  
nossa vida.  
Não existem valores ou regras eternas a partir  
das quais podemos nos guiar.  
E isto torna mais importantes nossas decisões,  
nossas escolhas.*

*Jean Paul Sartre*

O derradeiro dia do bairro cracoviano dar-se-ia em 13 de março de 1943, data que coincidiria com o *Shabbat* (dia de descanso segundo o judaísmo). Keneally (1995) cita que, a uma hora da manhã, o *Hauptsturmführer* (capitão) Amon Goeth adentrara a *Plac Zgody*. Durante a espera pela chegada do *Sturmbannführer* (major) Willi Haase, Goeth bebera um gole de conhaque. Haase seria o responsável pela estratégia da ação de expulsão definitiva. Segundo o plano do major, o gueto A, um grande perímetro localizado no lado oeste e habitado por trabalhadores saudáveis, seria desalojado. Enquanto isso, no gueto B, uma pequena seção pertencente ao lado leste onde viviam os idosos sem

emprego, aconteceria a remoção forçada, seguida pela expedição dos cidadãos de idade avançada para Auschwitz.

A quase um metro de distância, doutor H., um médico do hospital de convalescença, velava pelos seus últimos pacientes. De certa forma, o médico sentira-se bem por saber que os enfermos estavam longe dos conflitos das ruas, por ter conhecimento de que no hospital de isolamento próximo à Praça da Paz, o suboficial Albert Hujar executara com um tiro na cabeça a doutora Rosalia Blau. A ocorrência desse crime arbitrário devera-se ao fato de a médica esclarecer ao grupo de soldados da SS comandado por Hujar que as pacientes com escarlatina, as quais eram meninas entre 12 e 16 anos, não poderiam ser retiradas do local. Portanto, o hospital não estava em condições de ser fechado, o que era contrário ao objetivo inicial do suboficial. Por essa razão, Hujar atirara na doutora Blau. Seguidamente, todas as meninas enfermas foram assassinadas a tiros pelo pelotão da *Schutzstaffel*.

No fatídico dia 13 de março, antes das cinco horas da manhã, doutor H. fora despertado pelo barulho de caminhões estacionando no lado de fora das dependências do gueto. Ao observar pela janela do quarto os homens do *Sonderkommando* (Comando Especial) aglomerando-se à margem do rio, o médico presumira que aquilo se tratava de uma *Aktion* final. Então, ele correrá até seu local de trabalho, onde avistara o doutor B. e a equipe de enfermagem conduzindo os pacientes com quadro clínico estável até os parentes ou amigos, para que estes pudessem retirá-los dali. No hospital, apenas restavam quatro pacientes com a saúde debilitada na enfermaria, os doutores H. e B. e as enfermeiras.

Como havia adquirido um suprimento de cianureto, H. tinha o suicídio como opção para escapar da brutalidade da *Aktion*. Além do atentado a própria vida, o profissional da saúde também pensara na possibilidade de utilizar o veneno nos enfermos remanescentes. Contudo, a ética médica fizera com que ele sentisse no íntimo a tortura da escolha entre praticar a eutanásia em seus pacientes ou abandoná-los nas mãos do *Sonderkommando*, que era um grupo constituído por judeus escolhidos e obrigados pelos nazistas a realizar trabalhos forçados nos campos de concentração, como

[...] levar os prisioneiros nus à morte nas câmaras de gás e manter a ordem entre os mesmos; depois arrastar para fora os

cadáveres manchados de rosa e de verde em razão do ácido cilíndrico, lavando-os com jatos de água; verificar se nos orifícios dos corpos não estavam escondidos objetos preciosos; arrancar os dentes de ouro dos maxilares; cortar os cabelos das mulheres e lavá-los com cloreto de amônia, transportar depois os cadáveres até os fornos crematórios e cuidar da sua combustão; e, finalmente, tirar as cinzas residuais dos fornos (AGAMBEN, 2008, p: 34).

Embora não sejam descritas em *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995) a função nem a atuação do Comando Especial nos campos de extermínio, por meio da obra *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*, compreende-se que a presença do grupo na elucidação do bairro de Cracóvia fora mais um entre os diversos desmandos dos nazistas.

Acerca da questão da ética, em *Ética e saúde: questões éticas, deontológicas e legais, autonomia e direitos do paciente, estudo de casos*, Paulo Antonio de Carvalho Fortes descreve que

[...] os atos éticos são exclusividade dos seres humanos, realizados por sujeitos éticos. Estes devem ter liberdade de pensamento, sem serem coagidos por forças internas ou externas. Os atos éticos devem ser livres, voluntários, conscientes. Para serem julgados eticamente, é preciso que se caracterizem por afetar pessoas, o meio ambiente, a coletividade (1998, p: 27).

Portanto, partindo da citação do autor, é observável que doutor H., na posição de ser humano pensante, tinha total liberdade para agir de acordo com seus princípios profissionais e não fazer uso da eutanásia; todavia, a ação de despejo do gueto somada à possibilidade de massacre iminente no hospital, provocaram-lhe um dilema moral. O médico não desejava interromper a vida dos pacientes com uma injeção de cianureto. Simultaneamente, ele temia que os enfermos morressem alvejados. Ou seja: mesmo a eutanásia sendo julgada como um ato criminoso pela ética médica, possivelmente, doutor H. acreditava que

deixar quatro pessoas indefesas e doentes expostas a uma morte certa e violenta era um crime sem perdão.

Enquanto refletia na sacada do hospital, o médico escutou o disparo do primeiro tiro. Após o segundo disparo, ele ouvira o som dos lamentos dos cidadãos que estavam sendo expulsos. No retorno para a enfermaria, doutor H. fora observado pelo Doutor B., as enfermeiras e um paciente, o qual era um músico idoso que acordara com o estrondo do segundo tiro. Quando o músico gritara “doutor, doutor!”, o profissional da saúde respondera “por favor!”. De acordo com Keneally (1995), tais vocábulos imprimiam uma mensagem onde o senhor angustiado podia se sentir protegido, pois além de o médico estar ao seu lado, a polícia estava distante do local. Conforme *Fenomenologia da percepção*,

[...] a palavra não é desprovida de sentido, já que atrás dela existe uma operação categorial, mas ela não *tem* esse sentido, não o possui; é o pensamento que tem esse sentido, e a palavra continua a ser um invólucro vazio. Ela é apenas um fenômeno articular, sonoro, ou a consciência desse fenômeno, mas em qualquer caso, a linguagem é apenas um acompanhamento exterior do pensamento (MERLEAU-PONTY, 1999, p: 241).

Logo, pode-se perceber que, embora o vocábulo seja somente uma representação verbal do pensamento, o “por favor!” fora importante para o doutor H. apresentar uma ideia de que o idoso não precisava se preocupar com o barulho do tiro. Ainda que as palavras não garantissem a proteção do músico, o profissional da saúde queria passar uma sensação de segurança, no intuito de aplacar a inquietação do idoso, o qual, provavelmente, tinha conhecimento acerca do término de sua vida em plena dissolução do gueto.

Por fim, doutor H. optara pela eutanásia. Em seguida, pedira para uma enfermeira colocar 40 gotas de cianureto em cada um dos quatro copos de água e fornecer a mistura aos pacientes. Caso o próprio médico desse o “remédio”, eles poderiam desconfiar de que tal mistura era veneno e ficariam assustados, pois sabiam que as enfermeiras eram as incumbidas de dar o medicamento. Todo o processo de fornecimento e

ingestão da medicação letal sucedera-se brevemente: a enfermeira que preparara a mistura surgira com os copos na enfermaria; sem quaisquer questionamentos, os enfermos beberam o conteúdo presente nos copos concedidos. Subitamente, a vida abandonara os corpos dos quatro indivíduos de forma silenciosa e indolor, deixando assim, doutor H. tranquilizado.

#### 6.4 A QUEDA: AS ÚLTIMAS HORAS DO GUETO

*Para milhões e milhões de seres humanos,  
o verdadeiro inferno é a Terra.*

*Arthur Schopenhauer*

Em uma casa do século XIX localizada no final da rua Jozefinska, alguns moradores, portando somente valises e embrulhos, haviam abandonado o recinto. Todavia, Pfefferberg e a jovem Mila, sua mulher, ainda permaneciam no quarto que habitavam no segundo andar da referida moradia. Ambos se conheceram em 1939, quando os cidadãos de Lodz, cidade de procedência de Mila, foram expedidos para Cracóvia. Após a expedição, o futuro casal fora alocado no mesmo apartamento. No ano de 1941, logo nos dias iniciais do bairro de isolamento cracoviano, o ex-professor e a moça casaram-se.

Na véspera da elucidação, doutor H. e sua mulher convidaram Poldek e Mila para fugirem com eles e tornarem-se guerrilheiros na floresta. Embora o convite parecesse uma boa oportunidade de retirada de um gueto condenado ao término, seria necessária a utilização dos esgotos como rota de fuga para chegarem até a floresta. Nesse quesito, a cónyuge de Poldek tinha medo de que a SS entupisse os esgotos com gás. Sobre as guerrilhas, as quais tinham como intuito o combate aos nazistas em território florestal, é corroborado por Abraham (1992, p: 107) que, após o Levante do gueto de Varsóvia, iniciado em 19 de abril de 1943 e findado em 16 de maio do mesmo ano,

[...] uma centena de judeus escapou pelos esgotos e formou, nas florestas, grupos de guerrilheiros que continuavam lutando. Alguns tombaram, mas outros se salvaram



e puderam contar, relatar a luta heroica, a luta solitária, desesperada, magnífica, de um punhado de rapazes e moças, autênticos de um povo, que nunca sonharam em ser heróis, mas se tornaram heróis.

Pelo ex-professor de educação física não compartilhar do medo de sua mulher, ao cair da tarde, decidira ir ao encontro de doutor H. para planejar a fuga.

Saindo pela escada dos fundos para o quintal, Poldek embarafustou-se por um buraco na parede da estrebaria, emergira para a rua, até chegar à Agência de Trabalho. Ali, arriscou cruzar uma via larga e chegou ao quarteirão triangular de casas do lado oposto, onde encontrou grupos de pessoas confusas, trocando boatos e discutindo opções, em cozinhas, galpões, pátios e corredores. Por fim, saiu da rua Krakusa, logo defronte da moradia do médico (KENEALLY, 1995, p: 174).

Ao chegar ao prédio onde o doutor H. morava, um aturrido vizinho comunicara a Pfefferberg que H. e a mulher deste se esconderam para evitar serem despejados por um membro do *Sonderkommando*; em seguida, escaparam pelos esgotos. Mila também não se encontrava no quarto que dividia com o marido na rua Jozefínska. Quando Pfefferberg perguntara sobre o paradeiro da cônjuge para os vizinhos, estes lhe comunicaram que ela já havia partido. Como ninguém sabia seu destino, o ex-professor presumira que a jovem fora enviada para Plazsóvia, que era o campo de concentração recém-construído em Cracóvia e para onde muitas pessoas seriam conduzidas após a liquidação do bairro.

Retornando a Abraham (1992), acerca da expedição de indivíduos para os campos de concentração, quando o gueto de Varsóvia estava prestes a ser aniquilado pelos comandantes alemães, que tinham como objetivo transportar mais um comboio de judeus para Treblinka, os cidadãos do perímetro varsoviano receberam os inimigos à bala. Era o início de uma batalha que duraria 20 dias. Nesse conflito, o qual ficara conhecido como Levante, apesar de os aviões da Força Aérea Alemã

atirarem bombas e os tanques com lança-chamas atacarem o local, os judeus lutaram enquanto os prédios eram consumidos pelas chamas. No final do combate, contabilizaram-se 56.065 judeus mortos e 300 alemães divididos entre mortos e feridos.

Conforme cita Keneally (1995), Poldek escondera-se atrás do portão de um depósito de madeira na rua Jozefinska. Enquanto se escondia, Poldek assistira a uma ocorrência que provara que a crueldade do ser humano desconhecia fronteiras. O fatídico episódio consistia em uma mulher com uma criança no colo, e ela gritava em decorrência de um dos cães de um treinador de cachorros da SS estar mordendo seu quadril. O treinador arrancara a criancinha dos braços da desesperada mãe, arremessando o bebê covardemente contra uma parede. Por fim, ele atirara na mulher, fazendo com que seus gritos cessassem. O marido de Mila somente escapara de uma morte semelhante por inventar para o capitão Goeth que fora designado para empilhar as bagagens abandonadas pelos cidadãos para desbloquear a rua. Como Goeth julgara a história divertida, permitira que o “empilhador de bagagens” fosse embora. De forma surpreendente, mais uma vez, a sorte estava ao lado de Pfefferberg.

## 6.5 ... E TUDO TERMINA

*Se tudo passa, talvez você passe por aqui  
E me faça esquecer tudo o que eu vi.*

*Humberto Gessinger*

Ao término do dia repleto de expulsões e execuções, cerca de mais de 4 mil cidadãos foram assassinados nas ruas. Nos dias seguintes, os corpos das vítimas foram enterrados em valetas nos bosques localizados perto de Plaszóvia, lugar este que seria a nova “residência” dos sobreviventes os quais até pouco tempo habitavam o extinto gueto de Cracóvia. Quando os funcionários da *Deutsche Emailwarenfabrik* (após a queda do gueto, essa fábrica tornara-se automaticamente um subcampo dentro de Plaszóvia) retornaram às atividades, Schindler soube por eles que o campo, além de ser um local de trabalhos forçados, tratava-se também de uma área de extermínio.

Segundo Keneally (1995), nos primeiros dias de funcionamento do campo, um determinado prisioneiro denominado M. observara à distância um grupo de mulheres que possuíam falsos documentos arianos ser conduzido pelo ucraniano Edmund Sdrojewski e seu pelotão ao morro Chujowa Górka. Como elas se negaram a tirar as roupas, Sdrojewski e os outros ucranianos agrediram-nas com os cabos dos chicotes. Repentinamente, uma das mulheres começara a entonar a prece *Shema Yisroel* (Ouça Israel), sendo acompanhada pelas outras. Era como se o ato de entonação da prece representasse a liberdade para o grupo saudar suas raízes judaicas diante da inevitável morte. Seguidamente, elas, que estavam aglomeradas devido ao constrangimento pela nudez e o ar gélido da primavera, foram fuziladas. Ao anoitecer, os ucranianos enterraram os cadáveres dessas mulheres nos bosques do outro lado do morro.

As ordens para os judeus despirem-se antes de serem mortos e o enterro ou abandono destes em quaisquer lugares tornaram-se algo costumeiro entre os nazistas. No livro *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (2008), Arendt utiliza as palavras do testemunho do próprio Adolf Eichmann para descrever um acontecimento onde um agrupamento de prisioneiros de Chelmno fora obrigado a ficar nu e a entrar em um caminhão de gás (não se fazia uso de câmaras de gás nesse campo). Quando as portas fecharam, o veículo dera a partida. Eichmann perseguira o veículo em razão de ter sido designado pelo *Gruppenführer* (major-general) Heinrich Müller para assistir ao trágico desfecho e, conseqüentemente, realizar um relatório sobre os assassinatos em Chelmno.

Entretanto, Eichmann se sentira apreensivo ao avistar o caminhão estacionar em um buraco, abrir as portas e descarregar os corpos inertes na cova. Após o descarregamento, um civil extraíra os dentes dos mortos com um boticão. Por não suportar presenciar por muito tempo a cruel cena, Adolf rapidamente fora embora, e essa saída teve como resultado um relatório pouco útil para Müller. Observa-se que o fato de o baixa patente do Partido Nazista ficar estarrecido com a barbárie a qual assistira é surpreendente, pois Eichmann tinha conhecimento do plano genocida de Hitler; então, ele deveria estar preparado para o dia em que viesse a ser uma testemunha ocular das atrocidades de seus semelhantes nazistas.

Keneally (1995) salienta que, em um curto espaço de tempo, os prisioneiros exterminados em Plaszówia começaram a ser exumados e queimados como uma medida preventiva à chegada das tropas russas na Polônia. Se os cadáveres fossem incinerados, os soldados russos não teriam provas concretas de que a SS cometera crimes de guerra; portanto, seus integrantes não poderiam ser acusados pelos seus atos contra a humanidade. Em relação ao número de vítimas fatais, a

[...] quantidade de corpos varia muito. Publicações polonesas, baseadas no trabalho da Comissão Central para Investigação de Crimes Nazistas na Polônia e em outras fontes de informação, afirmam que 150 mil prisioneiros, muitos deles em trânsito para outros locais, passaram por Plaszówia e seus cinco subcampos. Destes, os poloneses acreditam que 80 mil morreram ali, muitos em execuções em massa dentro de Chujowa Górka ou vítimas de epidemias. Essa estimativa desconcerta os sobreviventes de Plaszówia que se lembram do horrendo trabalho de queimar os mortos. Afirmam que só o número de corpos, por eles exumados, atinge mais ou menos entre oito mil e dez mil – proporção apavorante, e que eles não têm a menor vontade de exagerar (KENEALLY, 1995, p: 242).

Apesar de os sobreviventes não poderem precisar a quantidade de cadáveres que desenterraram e queimaram, possivelmente Plaszówia, assim como os campos de extermínio em geral, dava a impressão de o contingente de mortos ser exorbitante em decorrência dos assassinatos habituais. As lembranças dos sobreviventes não fornecem estatísticas exatas das vítimas nem possuem precisão quanto à duração de tempo dos trabalhos de exumação e incineração. Isso ocorre pois, de acordo com Bachelard (1998, p: 28-29),

[...] a memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta [...]. Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de

um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração [...].

Portanto, independentemente da inexistência de um registro legítimo das horas que os prisioneiros demoravam para destruir as provas dos crimes dos nazistas, é perceptível que, caso eles tenham sensações acerca do tempo de duração que a tarefa forçada provocava, as recordações com o espaço de Plaszóvia são os lugares onde esses indivíduos guardam tais sensações.

No outono de 1944, com a guerra rumando para o final, Schindler soube que Plaszóvia seria desmantelada; dessa forma, a *DEF* deixaria de existir. Com o término do ambiente concentracionário, os trabalhadores da indústria de esmaltados seriam alocados em outros campos. As mulheres iriam para Auschwitz e os homens para Gröss-Rosen. Seguidamente, com o objetivo de proteger os funcionários e alguns outros prisioneiros, o empresário comprara uma fábrica têxtil desativada na aldeia de Brinnlitz, pertencente à província da Morávia. Schindler transformara seu investimento em uma indústria bélica, fazendo com que as vidas de Pfefferberg, Mila, Danka, Wulkan, entre outros nomes conhecidos e desconhecidos nesta pesquisa, fossem resguardadas. No final da Segunda Guerra Mundial, o negócio de Schindler impedira a execução de mais de 1.000 prisioneiros, revertendo, assim, seus trágicos destinos.



## 7 CONCLUSÃO

Ao final desta dissertação, conclui-se que o gueto de Cracóvia não é retratado em *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995) somente como um espaço claustrofóbico que tinha como objetivo isolar e alocar diversos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Na narrativa, descreve-se a forma como os personagens lidavam com as dificuldades de convivência, dificuldades estas provocadas pelos problemas de contingente excessivo de habitantes, ausência de higiene e inanição.

Desde o instante em que o perímetro cracoviano fora instalado, ele estava fadado, assim como todos os guetos da Europa, a um final trágico. O final do gueto dar-se-ia pela circunstância de ser uma medida temporária para garantir o afastamento dos judeus da sociedade. A medida definitiva seria uma aniquilação massiva nos campos de concentração, lugares estes que, além de obter o trabalho escravo de seus prisioneiros de origem judia, levaria um exorbitante número desses prisioneiros a óbito.

O bairro de isolamento funcionara como uma estratégia do governo nazista para enfraquecer a comunidade judaica através da precariedade higiênica e alimentícia decorrentes da superlotação. E, com os residentes enfraquecidos, o envio destes para os campos concentracionários tornar-se-ia uma tarefa mais simples. Tanto durante a existência do gueto cracoviano quanto após sua dissolução, o regime antisemita de Hitler utilizara a mão de obra dos judeus com o intuito de subjugar-los antes de eliminá-los.

Apesar de capítulo “A ascensão de Adolf Hitler ao poder: o início do fim” não estar totalmente atrelado à narrativa de Keneally (1995), em consequência de a obra possuir um caráter literário, à medida que o referido capítulo exhibe um momento conflituoso na história, que fora a tomada do poder na Chancelaria por parte de Hitler, tal capítulo torna-se imprescindível para auxiliar na compreensão de que o episódio da tomada ao poder desencadearia uma sequência de fatalidades, iniciadas com o Terceiro Reich. Seguidamente, intensificara-se o antissemitismo já existente na Alemanha, resultando, assim, em infortúnios de níveis catastróficos, como a violenta Noite de *Pogroms*, a deflagração da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.

Antes de os judeus serem enviados para os campos de concentração, para conseqüentemente, um número exorbitante destes se tornar vítima do genocídio, eles eram colocados em guetos, os quais eram habitações de passagem. Neste estudo, é essa habitação de passagem que é a ligação entre a história do período do III Reich e a função de representação espacial do gueto em *A lista de Schindler: um herói do Holocausto* (KENEALLY, 1995).

Em “A ascensão de Adolf Hitler ao poder: o início do fim”, com o intuito de discorrer acerca das catástrofes motivadas por uma crença antissemita, são utilizadas as seguintes bibliografias: *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto* (GOLDHAGEN, 1997), *Holocausto: o massacre de 6 milhões* (ABRAHAM, 1992), *Ascensão e queda do Terceiro Reich: Triunfo e consolidação 1933-1945* (SHIRER, 2008), *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (ARENDDT, 2008) e *Quem escreverá nossa história? Os arquivos secretos do gueto de Varsóvia* (KASSOW, 2009). Nos quatro primeiros livros, cada um sob o olhar de seus distintos autores, são relatadas as exclusões e as atrocidades que os nazistas e os seguidores da doutrina antissemita foram capazes de cometer contra a comunidade judaica. Na última obra, Kassow reserva-se a descrever a miserável situação de lotação exacerbada de indivíduos em um espaço diminuto, higiene parca e fome que aterrava os judeus residentes do maior gueto da Polônia.

Os problemas de falta de saneamento básico apropriado e escassez de alimentos decorrentes da superlotação afetaram também a área isolada de Cracóvia, assim como os guetos em geral. De acordo com ““Bem-vindo” ao gueto de Cracóvia: pode entrar. Mas não pode sair!”, além dos problemas supracitados, os residentes do perímetro de Cracóvia ainda necessitavam lidar com a corrupção do Conselho Judeu e da Força Policial Judaica, que eram instituições que, em princípio, deveriam auxiliar na convivência dos habitantes no gueto. Acerca da observação do âmbito físico, que é o campo onde existe a ideia objetiva do sentido da habitação – ideia esta que representa unicamente a função de ocupação de certo lugar –, percebe-se que o gueto era inapto para receber de forma adequada o contingente excessivo de pessoas que alojava.

Nesta pesquisa, faz-se uso do referencial teórico de Lins (1976),



Candido (1972), Dimas (1994), Kassow (2009), Merleau-Ponty (1999) e Benjamin (2012) para esclarecer não somente a motivação do espaço como literário dentro de uma narrativa como também para responder à pergunta sobre a relação da linha de pesquisa “Subjetividade, Memória e História” com a temática espacial do gueto.

A obra *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976) é utilizada para explorar a característica literária na obra de Keneally (1995). Por meio de uma postura analítica, Lins assevera a temática da sobreposição do personagem título do romance *As recordações do escritor Isaias Caminha*, de Lima Barreto, às descrições espaciais do local onde este se encontra. Essa sobreposição torna-se importante para comprovar que, dependendo da situação, o espaço tem como propósito demonstrar o estilo de vida do personagem em um romance. Esse propósito demonstrativo é discorrido no instante em que se menciona a função do *Judenrat* na narrativa escrita por Keneally. Enquanto Lins destaca que as experiências pessoais (apesar de elas não serem expostas na análise do autor de *Lima Barreto e o espaço romanesco*) do sujeito são mais relevantes que o lugar onde este vive, o Conselho Judeu deixa de ser descrito como um espaço físico na obra de Keaneally para ser colocado em uma posição onde é retratada a forma corrupta como os conselheiros agiam diante dos problemas do gueto.

Outras referências de caráter literário que são colocadas na pesquisa são o ensaio *Degradação do espaço (Estudo sobre a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em L'assomir)* (1972) e o livro *Espaço e romance* (1994). Esses títulos, pertencentes a Antonio Candido e Antonio Dimas, respectivamente, abordam a decadência do ser humano.

O ensaio apresenta uma análise espacial da obra *L'assomir*, de Émile Zola. Na referida narrativa, ocorre a dramática transformação na vida de Gervaise, uma lavadeira que, apesar de ter sido agraciada pela disposição de trabalhar, cai na perdição dos vícios e do ócio no subúrbio operário onde habita. Essa questão da mudança drástica é o ponto de partida nos princípios morais das instituições do Conselho Judeu e da Força Policial Judaica, pois os integrantes dos órgãos que deveriam funcionar como fornecedores do bem-estar e da segurança dos residentes do gueto, deixaram-se corromper pelo poder das citadas instituições, e isso fizera com que eles agissem inescrupulosamente

contra seus semelhantes judeus, através de roubos ou formação de aliança com a SS, aliança esta que resultara na escritura de listas partidas da *Ordnungsdienst* para a SS.

*Espaço e romance* (DIMAS, 1994) vem a esclarecer o conceito da imersão de José Maria, personagem do conto *Viagem aos seios de Duília*, de Aníbal Machado, em uma cidade degradada pela miséria e a sujeira de seu espaço físico. Essa ideia tem como objetivo ser equiparada à imersão de Poldek, apresentado como um ser desprovido de falhas de caráter no livro de Keneally (1995), na corporação de caráter escuso da Força Policial Judaica. O termo sujeira é utilizado para designar tanto a imundice literal do miserável espaço exposto no conto quanto a imundice metafórica relacionada ao caráter da polícia judia. Além de expor o literal e o metafórico da sujeira, retrata o desespero em comum de José Maria e Pfefferberg ao se perceberem em locais onde, respectivamente, a imundice era provocada pela pobreza desoladora e por uma corporação onde a sujeira apresentava-se na fragilidade de valores morais.

O enfoque histórico do gueto dá-se pelo livro *Quem escreverá nossa história? Os arquivos secretos do gueto de Varsóvia* (KASSOW, 2009). As descrições acerca da vida dos moradores do gueto de Varsóvia são comparadas com as condições de vida dos moradores que residiam na área restrita de Cracóvia. Em todos os sentidos, viver em ambos os bairros de segregação mostrava dificuldades desde a superlotação e a escassez higiênica e alimentícia até a corrupção do *Judenrat* e da *Ordnungsdienst*. Todavia, apesar das semelhanças, as agruras da insalubridade higiênica e da inanição eram mais alarmantes no gueto varsoviano, pois a população desse perímetro era superior a do bairro cracoviano.

Para reforçar o enfoque espacial da subjetividade dentro da objetividade do espaço, recorre-se à referência de *Rua de mão única* (2012). No livro, Benjamin retrata memórias de sua infância e impressões sobre as cidades onde vivera ou esteve de passagem. No entanto, nesta dissertação, o interesse acerca desse aporte teórico são as noções de espaço de Benjamin sobre a cidade de Paris. Em certo momento, o escritor discorre sobre uma Paris com representação espacial sob o olhar da literatura. Observa-se em *Rua de mão única* que a capital francesa e seus monumentos foram fonte de inspiração para

diversas obras – por exemplo, *Os noivos da Torre Eiffel*, de Cocteau, *O Corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, *Túmulo do Soldado Desconhecido*, de Raynal, entre outras. Contudo, a autor apresenta a desvantagem do estranhamento causada pela visão literária, e essa desvantagem ocorre devido à objetividade demonstrada nas fotos e mapas da capital francesa contrastar demasiadamente com a romantização literária dos escritores citados por Benjamim. Esse referencial teórico é um auxiliar nas facetas do campo literário, facetas estas que comprovam que uma literatura tanto pode primar pelo romantismo fornecido pela ótica repleta de fascínio e beleza dos escritores franceses quanto pela escrita de Keneally (1995), a qual se apoia em descrições reais de um espaço claustrofóbico com base nas memórias de penúria dos cidadãos de origem judia.

Os personagens apresentados em “Residentes do gueto: um lugar/quatro histórias” enxergavam a vida no gueto sob distintos pontos de vista, e isso remete à característica da subjetividade. No bairro, Pfefferberg constatara a possibilidade de ganhar dinheiro realizando atividades contrabandistas, e simultaneamente, ajudar seus semelhantes a sobreviverem à miséria do local de isolamento. A história de Genia, a qual via seu tio Idek como seu mundo e sua fortaleza, comprovava, de modo surpreendente e inacreditável, a possibilidade de uma criança vestida com roupas da chamativa cor vermelha ser astuta e cometer a peripécia de fugir de uma ação de despejo sem ser notada pela polícia. Danka e Pani Dresner são um exemplo de amor existente entre mãe e filha. Danka permanecera escondida e protegida em uma parede, sentindo-se culpada por sua genitora estar exposta ao perigo de uma entre as diversas *Aktionen* do perímetro de Cracóvia. Além de necessitar lidar com a culpa, a garota fora obrigada a manter um silêncio profundo para não ser descoberta pelos policiais. Em situação idêntica, encontrava-se a mãe, a qual estava tão preocupada em preservar a própria vida que não esboçara quaisquer sentimentos de raiva ou decepção por sua amiga ter-lhe negado abrigo durante a *Aktion*. Acerca da história de Wulkan, é observável que o joalheiro desejava somente sobreviver no gueto, fosse mediante um trabalho temporário de avaliador de joias roubadas pelos nazistas ou em um ofício como funcionário de um rancho localizado em Kazimierz.

Schindler fora outra pessoa que tivera ligação, embora

indiretamente, com o gueto. Se no início do funcionamento da *Deutsche Emailwarenfabrik*, o industrial empregava pessoas do gueto somente por interesse em utilizar mão de obra barata em seu negócio, a incidência de uma entre as várias ações de despejo onde presenciara Genia, a menininha de vermelho, escapar ilesa, fizera o empresário alemão enxergar a crueldade com que os judeus eram tratados pela SS. A efetuação das expulsões da área de segregação marcaria o prenúncio do fim desta. Conforme apontado no último capítulo, "... E tudo termina", a dissolução do gueto de Cracóvia, sucedida pelo final do campo de extermínio de Plaszóvia, proporcionara a Schindler a oportunidade de salvar vidas. A proximidade do término de uma época aterrada pela guerra representava o final de um ciclo marcado pelo sofrimento do gueto e do campo de concentração, o qual, posteriormente, seria discorrido a partir da perspectiva literária de Keneally (1995). O fim desse conflituoso período motivara o empresário a montar um negócio armamentista na Morávia. Tal empreendimento não pretendia explorar trabalho escravo, e sim, impedir a expedição de judeus para os campos de concentração. E, com esse negócio, o industrial abdicara de faturar dinheiro com a guerra em nome de algo mais importante: salvar vidas.

Por fim, na obra *Fenomenologia da percepção*, é estabelecida uma ligação entre o subjetivo e o temporal, onde Merleau-Ponty declara que

[...] para nós, a síntese perceptiva é uma síntese temporal; a subjetividade, no plano da percepção, não é senão a temporalidade, e é isso o que nos permite preservar no sujeito da percepção a sua opacidade e historicidade (1999, p: 321).

Ainda que essa frase remeta, em princípio, ao subjetivismo das negativas perspectivas proporcionadas pelas difíceis vidas dos moradores do gueto, é a história exposta pelos fatos relacionados à época da Segunda Guerra Mundial, principalmente os relacionados ao gueto, que é a responsável por desencadear sensações nos moradores da área restrita de Cracóvia. Discorrer sobre a questão do vínculo entre o subjetivismo e a história é importante, uma vez que, a partir do instante em que Keneally (1995) utiliza a literatura para expor as impressões provocadas pela vivência das pessoas judias em um local demasiadamente lotado, tais exposições tornam-se recriações das

memórias de indivíduos que habitavam uma espécie de mundo à parte da civilização. Dessa forma, é fundamental que haja a reconstituição das memórias originadas pelas visões de mundo dos sujeitos que residiram no gueto.



## REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Ben: **Holocausto**: o massacre de 6 milhões. 18 ed. São Paulo: Sherit Hapleita, 1992.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALVES, Maria Bernardete Martins; ARRUDA, Susana Margareth. **Como fazer referências**: bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documento. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Biblioteca Universitária, 2001. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/framerefer.php>>. Acesso em: 11 abr. 2013.

ARENDT, Hannah: **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

AUSTIN, J. L. **Sentido e percepção**. Tradução de Armando Manuel Mora de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BADIOU, Alain. **Pequeno manual de inestética**. Tradução de Marina

Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BENJAMIN, Walter: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BLANCHOT, Maurice: **A literatura e o direito à morte (A parte do fogo)**. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Degradação do espaço (Estudo sobre a correlação funcional, dos ambientes, das coisas e do comportamento em L'Assommoir)**. Revista de Letras, Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, v. 14, p. 7-36, 1972.

DEUTSCHE WELLE. 2017. Disponível em: [www.dw.compt-br](http://www.dw.compt-br). Acesso em: 13 out. 2017.

DIMAS, Antonio: **Espaço e romance**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

FORTES, Antonio de Carvalho. **Ética e saúde: questões éticas, deontológicas e legais, autonomia e direitos do paciente, estudo de casos**. São Paulo: EPU, 1998.

FOUCAULT, Michel: **Microfísica do poder**. 28. ed. São Paulo: Graal, 2010.

\_\_\_\_\_. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: N – 1 edições, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie: **História e narração em W. Benjamin**. Campinas: Ed. da UNICAMP, São Paulo: Perspectiva, 1994.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah: **Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.



HOLOCAUST EDUCATION & ARCHIVE RESEARCH TEAM. 2013. Disponível em: <<http://www.holocaustresearchproject.org/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

JEWISHGEN. 2007. Disponível em: <<https://www.jewishgen.org/yizkor/sch007.html>>. Acesso em: 10 out. 2017.

KASSOW, Samuel D. **Quem escreverá nossa história?** Os arquivos secretos do gueto de Varsóvia. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KENEALLY, Thomas. **A lista de Schindler: um herói do Holocausto.** 13. ed. Tradução de Tati Moraes. Rio de Janeiro: Record, 1995.

LANGENSCHIEDT On-line Wörterbuch. 2005. Disponível em: <[www.woerterbuch.langenscheidt.de/](http://www.woerterbuch.langenscheidt.de/)>. Acesso em: 20 out. 2015.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco.** São Paulo: Ática, 1976.

MANDEL, Ernest. **O significado da Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Ática, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEDRO, Antonio. **A Segunda Guerra Mundial.** 18. ed. São Paulo: Atual, 1994.

SERENY, Gitta. **O trauma alemão: experiências e reflexões 1938-2000.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SHIRER, William L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich: Triunfo e consolidação 1933-1945.** Tradução de Pedro Pomar. Rio de Janeiro:

Agir, 2008.

THE UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM.

**Recursos em Português (do Brasil)**. 2017. Disponível em:

<<https://www.ushmm.org/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Enciclopédia do Holocausto. **Gueto**. 2017. Disponível em:

<<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005059>>.

Acesso em: 10 set. 2017.

YAD VASHEM PHOTO ARCHIVE. 2017. Disponível em:

<[www.yadvashem.org](http://www.yadvashem.org)>. Acesso em: 10 set. 2017.

<<http://www.wv2shots.com/gallery/main.php>>. Acesso em: 10 set. 2017.